

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

O que jovens em contexto de vulnerabilidade sócio-econômica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul pensam sobre trabalho e futuro educacional e profissional.

Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Garcia Dias

Santa Maria, RS, Brasil

2012

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pela autora.

Sobrosa, Gênesis Marimar Rodrigues

O que jovens em contexto de vulnerabilidade sócio-econômica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul pensam sobre trabalho e futuro educacional e profissional. / Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa. - 2012. 94 p.; 30cm

Orientadora: Ana Cristina Garcia Dias

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2012

1. Jovens 2. Trabalho 3. Planos para o futuro 4. Expectativas profissionais 5. Concepção sobre o conceito de trabalho I. Dias, Ana Cristina Garcia II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

À Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação.

O que jovens em contexto de vulnerabilidade sócio-econômica de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul pensam sobre trabalho e futuro educacional e profissional.

Elaborada por

Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa

Como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Ana Cristina Garcia Dias, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente / Orientadora)

Silvio José Lemos Vasconcellos, Prof. Dr. (UFSM)

Marúcia Patta Bardagi, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSC)

Cláudia Maria Perrone, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSM)

Santa Maria, 30 de março de 2012.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, por estarem ao meu lado durante esta trajetória.

Em especial ao meu noivo Cassiano, que foi incansável durante todo este processo ao estar constantemente disposto a me ouvir, incentivar e me apoiar.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Garcia Dias, pela atenção, carinho e apoio durante o processo de definição, orientação e execução do estudo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marúcia Patta Bardagi, pela sua delicadeza, disponibilidade e participação na comissão examinadora deste estudo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria Perrone, pela sua gentileza em integrar a comissão examinadora, bem como pelo apoio durante toda a minha trajetória acadêmica na UFSM.

Ao Prof. Dr. Sílvio José Lemos Vasconcellos, por sua participação na comissão examinadora do presente estudo.

Às acadêmicas do Curso de Psicologia da UFSM, Anelise Schaurich dos Santos e Clarissa Tochetto de Oliveira pela colaboração na etapa de coleta dos dados, bem como da análise dos mesmos.

Aos participantes desta pesquisa, por decidirem prontamente em me auxiliar nas questões práticas da mesma.

Ao programa de bolsas REUNI pelo apoio na realização desta pesquisa.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
APRESENTAÇÃO.....	09
ESTUDO 1 - Opiniões sobre trabalho em jovens de classe socioeconômica desfavorecida .....	15
RESUMO ESTUDO 1.....	15
ABSTRACT STUDY 1.....	16
INTRODUÇÃO ESTUDO 1 .....	17
MÉTODO ESTUDO 1 .....	22
RESULTADOS ESTUDO 1 .....	24
“Trabalhar é” - concepções sobre trabalho .....	26
“Ter uma profissão é”.....	28
“Eu quero um trabalho” - expectativas relacionadas ao trabalho .....	29
“Sem trabalho, eu...”.....	31
“Se eu trocasse de trabalho, eu...”.....	32
DISCUSSÃO ESTUDO 1.....	33
CONCLUSÕES ESTUDO 1.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ESTUDO 1 .....	41
ESTUDO 2 - Projetos profissionais após ensino médio de jovens que se encontram em contexto de vulnerabilidade socioeconômica .....	44
RESUMO ESTUDO 2.....	44
ABSTRACT STUDY 2 .....	45
INTRODUÇÃO ESTUDO 2 .....	46
O desenvolvimento profissional e o projeto de vida dos jovens .....	49
MÉTODO ESTUDO 2 .....	56

RESULTADOS ESTUDO 2 .....	58
Planos para após a conclusão do ensino médio.....	60
Concurso Vestibular e Cursos no Ensino Superior .....	61
Cursos Técnicos.....	65
Planos para o futuro e projeto de vida .....	68
DISCUSSÃO ESTUDO 2.....	70
CONCLUSÕES ESTUDO 2 .....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 2 .....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
APÊNDICES.....	85
Apêndice A .....	85
Apêndice B.....	92
Apêndice C.....	94
LISTA DE TABELAS – ESTUDO 1	
Tabela 1 – Área de atuação dos alunos inseridos no mercado de trabalho formal.....	25
LISTA DE TABELAS – ESTUDO 2	
Tabela 1 - Área de atuação dos alunos inseridos no mercado de trabalho formal.....	59
Tabela 2 – O que você pretende fazer depois de concluir o ensino médio....	61
Tabela 3 – Dificuldade em fazer um curso universitário.....	64
Tabela 4 – Frequência das respostas de dificuldades para fazer um curso universitário	65
Tabela 5 – Dificuldade em fazer um curso técnico.....	66
Tabela 6 – Dificuldades para obter uma qualificação técnica.....	68

## RESUMO

A transição do ensino médio para a universidade ou mercado de trabalho é permeada de incertezas. Quando estão presentes obstáculos culturais e econômicos, que podem ser vividos por jovens provenientes de comunidades de baixa renda, esta passagem pode ser permeada por dificuldades ainda maiores. Na tentativa de compreender este fenômeno, realizou-se dois estudos, explorando a perspectiva de jovens estudantes do ensino médio a respeito do trabalho e de sua inserção nesse universo. Mais especificamente pretende-se identificar como os estudantes percebem o mundo do trabalho e como suas percepções e expectativas se relacionam aos seus projetos de vida futuros profissionais e educacionais. A pesquisa tem como participantes 200 alunos de ambos os sexos provenientes de duas escolas públicas situadas em regiões e socioeconômica desfavorecida da cidade de Santa Maria. O Estudo 1 aborda as concepções dos participantes em relação ao trabalho. O Estudo 2 investiga a percepção dos jovens sobre suas possibilidades de inserção no mercado profissional. Os estudantes responderam a um questionário com questões abertas e fechadas que investigavam percepções relacionadas à trabalho, futuro profissional e dificuldades esperadas em sua inserção no mercado de trabalho. Para análise das informações utilizou-se a análise de conteúdo categorial. Ambos os estudos indicam que o trabalho é percebido como um elemento importante para o futuro desses jovens, sendo principalmente associado ao sustento próprio e obtenção da independência da família de origem. Os jovens indicam que esperam obter uma profissão no qual encontrem realização pessoal. Contudo, reconhecem que suas limitações financeiras podem trazer dificuldades para realizar o ingresso na atividade profissional almejada.

Palavras-chave: : jovens, trabalho, futuro profissional

## ABSTRACT

The transition from high school to university or to work is marked by uncertainties. When cultural and economic obstacles are present, a situation lived by young people from low-income communities, this transition is still more difficult. This dissertation is organized in two studies that explored the perspective of young high school students about work and the transition to the universe of work. More specifically, it aimed to identify how students' perceptions and expectations about the world of work were related to their professional and educational life projects for the future. Participants were 200 students from both sexes that attended two public schools located at low income neighborhoods in the city of Santa Maria. Study 1 focused on participants' ideas about work. Study 2 addressed students' perceptions about their possibilities of entering the labor market. Participants answered a questionnaire with open and closed questions concerning ideas about work, occupational future and perceived barriers to enter the labor market. Data were analyzed by means of content analysis. Both studies showed that work is perceived as an important aspect of future life, being associated with the ideas of self-sustained living and independence from the family of origin. Respondents also had the expectation of attaining self-realization through work. Nonetheless, they also recognized that economic constraints may be a barrier to achieve their educational and career aspirations.

Keywords: youth, work, professional future.

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa aborda o tema do trabalho e da inserção no mercado de trabalho a partir da perspectiva de jovens provenientes de classes socio-econômicas desfavorecidas. O interesse por este tema remonta aos tempos de participação em projetos de orientação profissional em escolas públicas de ensino médio e de participação no projeto de pesquisa durante a realização da monografia de final de curso, que abordou o tema planejamento e desenvolvimento de carreira em jovens. Os participantes do estudo de monografia, que eram acadêmicos de diferentes cursos universitários, tanto demonstraram preocupações referentes a sua inserção no mercado de trabalho, como descreveram que pretendiam continuar sua formação educacional e profissional após o término do curso de graduação. A participação no projeto de orientação profissional em escolas públicas, situadas em bairros de vulnerabilidade social da cidade de Santa Maria, levou a questionar o serviço oferecido pelo projeto, que estava centrado nas ideias de auto conhecimento , exploração vocacional, tomada de decisão e informações sobre diferentes cursos universitários. Observou-se que nem todos os jovens tinham interesse ou mesmo acesso a realização de cursos universitários, contudo, isso não significava que os mesmos não apresentavam interesse por discutir e pensar suas questões profissionais em suas vidas.

Esses questionamentos e a participação nos projetos levaram a construção de um projeto de extensão intitulado “Oficinas de Orientação Profissional e Planejamento de Carreira” oferecido pelo departamento de psicologia a estudantes de ensino médio e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esse apresentou novos moldes para a realização de trabalhos de orientação,

planejamento e desenvolvimento profissional e de carreira. Em termos do ensino médio, são realizados grupos nos quais busca-se discutir, além de aspectos tradicionais já trabalhados na orientação profissional de jovens, como auto-conhecimento e comportamento exploratório, informações sobre diferentes possibilidades de prosseguimentos nos estudos, ou mesmo inserção no mercado de trabalho, após a conclusão do ensino médio. São ofertadas oficinas de planejamento de tempo, elaboração de currículo, planejamento de carreira, desenvolvimento de habilidades interpessoais tanto para os estudantes do ensino médio como universitários.

Todos os projetos foram desenvolvidos junto a Universidade Federal de Santa Maria e a Escolas de Ensino Médio da cidade de Santa Maria. Durante a participação nessas atividades surgiu a curiosidade de se conhecer como esses jovens atendidos pelos projetos reagem face aos diferentes momentos de transição na vida acadêmica e profissional. Observou-se durante a realização dos projetos que os jovens de ensino médio e de graduação apresentavam preocupações diferentes e similares referentes a sua inserção no mercado de trabalho e a continuidade dos projetos educacionais. Diferentes variáveis pessoais e contextuais acabam por interferir na elaboração desses projetos. Assim, considera-se importante, para a realização de programas mais efetivos destinados as populações atendidas nos projetos, conhecer melhor suas concepções a respeito do mundo do trabalho e suas expectativas educacionais, além de possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Outro motivo que levou a autora a interessar-se por este tema se relaciona ao fato de que tanto em suas buscas por artigos para embasar seu trabalho de orientação profissional quanto para desenvolver sua pesquisa de monografia foram encontrados inúmeros artigos que tratavam da orientação profissional para estratos

médios da população. No entanto, havia uma escassez de pesquisas voltadas para o público que apresentava condições socioeconômicas menos favoráveis. Essa população, muitas vezes, acaba tendo que deixar os estudos para dedicar-se a um trabalho necessário ao seu sustento ou apresenta uma perspectiva mais limitada de prosseguimento de estudos e ascensão social. Esses jovens, algumas vezes, esperam alcançar, no máximo, uma qualificação técnica ou profissionalizante. Reconhecem que existem diferentes dificuldades para continuar os estudos ou se inserirem no mercado de trabalho.

Essas inquietações vividas pela autora foram aumentado na medida em que foi se aprofundando nos estudos sobre as transformações presentes no mundo do trabalho atualmente. Essas mudanças podem gerar maiores dificuldades de inserção para os jovens provenientes de classes menos favorecidas. Sabe-se que o mercado de trabalho exige maior qualificação dos candidatos para ingressar nesse universo. Neste sentido, muitos jovens de classes populares não possuem condições financeiras para investir em sua qualificação profissional e educacional. Assim, realizar uma orientação profissional, ao final do segundo grau, apenas voltada para ingresso na universidade parece ser uma atitude equivocada.

Aliado a essas questões, as transformações que se processam na organização da produção e do trabalho dificultam o planejamento e a inserção no mundo profissional para os jovens. Trata-se de um mercado extremamente complexo, resultante de inúmeros determinantes históricos e de contingências no modo de produção capitalista, assim, observa-se uma mudança de valores que antes eram considerados definitivos. Vive-se uma etapa na qual há muito pouca estabilidade empregatícia, as carreiras se tornaram menos estereotipadas e mais flexíveis, estão mais à mercê das transformações e tendências mercadológicas.

Nesse sentido, o mercado de trabalho atual demanda dos profissionais, além de competências precisas, características pessoais como flexibilidade e adaptabilidade. Todas essas questões podem afetar tanto as representações como as expectativas que os jovens possuem do mundo do trabalho .

Nesse contexto, caracterizado por profissões e carreiras cada vez mais dinâmicas inseridas num ambiente de constante desenvolvimento científico e tecnológico, se faz necessária uma contínua reorganização profissional e pessoal por parte do trabalhador. Este necessita aliar ao conhecimento técnico um considerável repertório de habilidades. São exigidas também competências cognitivas, comportamentais, interpessoais, constante aprimoramento e elevada quantidade de informações que têm de ser absorvidas.

Essa pesquisa se insere no campo do desenvolvimento de carreira, voltada a jovens em situação social de maior vulnerabilidade, no sentido de que estes estão mais sujeitos a circunstâncias aleatórias e incontroláveis. Destaca-se que se compreende que a inserção no mundo do trabalho está relacionada tanto ao desenvolvimento pessoal como profissional do indivíduo, sendo uma relação dinâmica entre essas duas áreas. Parte-se do pressuposto que o indivíduo se encontra inserido em um ambiente que lhe faz diferentes demandas sociais, exige que exercite diferentes papéis, bem como realize o desenvolvimento de diferentes competências ao longo de seu ciclo de vida.

O objetivo desse estudo é compreender o que os jovens, de estratos socioeconômicos desfavorecidos, pensam sobre trabalhar e que perspectivas apresentam em relação ao seu futuro educacional e profissional. Pretende-se identificar como esses estudantes percebem o mundo do trabalho e como suas

percepções e expectativas se relacionam aos seus projetos de vida futuros profissionais e educacionais.

Foram participantes do estudo 200 estudantes de duas escolas estaduais de ensino médio do município, ambas situadas em bairros de periferia da cidade, caracterizados pelo baixo nível socioeconômico dos moradores. Foi desenvolvido e aplicado um questionário anônimo (APÊNDICE A) com questões abertas e fechadas que investigavam as percepções relacionadas ao trabalho, futuro profissional, dificuldades de inserção no mundo do trabalho e projeto de vida após o ensino médio. O instrumento de pesquisa foi aplicado inicialmente apenas a alunos do terceiro ano do ensino médio de duas escolas do município de Santa Maria. Contudo, foi observada a necessidade de ampliar a amostra para alunos de primeiro e segundo anos, visando atingir o número de alunos estimado para realização da análise inicial. Constatou-se que as turmas de terceiro ano dessas escolas apresentavam um número menor de alunos, especialmente quando comparadas às turmas de primeiros anos, em função da evasão dos alunos. É importante salientar que outras escolas da rede pública foram convidadas para participarem do estudo, mas estas preferiram não colaborar com o mesmo. Algumas justificaram relatando que já estavam cansadas de abrirem suas portas para pesquisadores de diversas áreas, que não ofereciam a prometida devolução dos resultados.

Nesse sentido, destaca-se que foi realizada uma devolução nas duas escolas dos resultados encontrados no presente projeto de pesquisa. Além disso, foi ofertado e desenvolvido nessas escolas o projeto de “Oficinas de orientação profissional e desenvolvimento de carreira” após a coleta das informações. Optou-se pelo desenvolvimento das atividades de extensão, em um segundo momento, para

que essas atividades não realizassem uma interferência nas informações coletadas no estudo.

Os resultados da pesquisa foram separados em dois conjuntos de dados, os quais foram tratados separadamente, e são aqui apresentados como dois estudos independentes (em formato de artigos), com suas respectivas introduções, métodos, resultados e conclusões. Esse formato visa agilizar o processo de publicação dos resultados encontrados na pesquisa. O primeiro estudo trata das concepções dos jovens a respeito do trabalho, investiga qual é o conceito de trabalho para essa população, bem como o que significa para eles o fato de ter uma profissão, o que significa estar ou não trabalhando. Já o segundo estudo investiga os projetos profissionais desses jovens para após a conclusão do ensino médio, quais são os seus planos para o futuro, seu projeto de vida e as dificuldades percebidas para a concretização desses planos. Ao final da apresentação dos trabalhos, busca-se realizar uma discussão final que integre os resultados dos dois trabalhos.

## Opiniões sobre trabalho em jovens de classe socioeconômica desfavorecida

O trabalho é um fenômeno social que inclui diferentes representações, não sendo mais visto apenas como meio para obtenção do próprio sustento ou para aquisição de bens de consumo. Neste contexto, configura-se como um elemento importante para a formação da identidade da pessoa. O objetivo deste estudo foi investigar as opiniões sobre trabalho em jovens pertencentes a classes socioeconômicas desfavorecidas. Para isso, foram obtidos dados junto a 200 alunos de duas escolas públicas do ensino médio da cidade de Santa Maria. Estes responderam a um instrumento que procurou investigar suas percepções a respeito do mundo profissional. O questionário continha questões abertas e fechadas. As questões abertas foram analisadas através de análise de conteúdo, sendo realizado cálculos de frequências de respostas nas categorias. Os resultados indicam que o trabalho é percebido por estes estudantes como determinante de seu futuro, é o meio através do qual poderão realizar seus objetivos de vida, especialmente no que se refere à conquista de autonomia e independência financeira. Trabalhar também é considerado como essencial ao indivíduo, uma vez que lhe proporciona reconhecimento social.

Palavras-chave: opiniões, trabalho, juventude

## Opinions about work from youth belong to disadvantage socioeconomic classes

Work is a social phenomenon that includes different representations, not being more viewed only as a mean to obtain sustenance or for purchase products. In this context, it configure as an important element for the formation of person identity. The objective of this study was investigate the views of working in youth belong to disadvantaged socioeconomic classes. For this, was obtained dates from 200 students from two public schools of high school from Santa Maria city. They answered a questionnaire that sought to investigate their perceptions about the professional world. The questionnaire contained open and closed questions. The open questions were analyzed by content analysis, realizing answer frequency calculations in the category. The results indicate that work is viewed by these students as determinative of the future, is the mean for achievement of life goals, especially in refers to achievement of autonomy and financial independence. Work also is considered as essential for the individual, because provides social recognition.

Keywords: opinions, work, youth

## Introdução

O trabalho é um fenômeno social que assume diversas representações. Nos dias atuais não é mais visto apenas como fonte de renda ou meio de obtenção de bens materiais e de consumo. Ao contrário, tem um papel de extrema importância na construção da identidade do indivíduo (Hall, 2006). Na sociedade em que vivemos o trabalho é uma atividade fundamental na vida das pessoas, pois é através das atividades laborais exercidas que o indivíduo passa efetivamente a ser reconhecido. Daí a importância social do trabalho no sentido da busca pela consideração do outro, uma vez que o sucesso e a satisfação profissional reafirmam o senso de identidade individual (Magalhães & Gomes, 2005). Nesse sentido, considera-se importante explorar a visão que os jovens apresentam sobre trabalhar e os valores atribuídos por estes ao trabalho.

Thomé (2010) em seu estudo realizado com adolescentes provenientes de nível socioeconômico desfavorecido, obteve em seus resultados que estes percebem o trabalho como algo benéfico, ou seja, que trabalhando eles irão obter renda própria, além de ser visto como uma atividade útil. Essa ideia vem ao encontro dos achados de Lachim e Soares (2011), que encontraram que o trabalho é percebido como uma atividade essencial e valorosa. Jesús e Ordaz (2006), por sua vez, em um estudo realizado com jovens de classes populares identificaram que o trabalho é percebido como uma atividade essencial para diversas áreas da vida do indivíduo, além de proporcionar ganhos financeiros.

Na atualidade, o mundo do trabalho tem se caracterizado pela alta competitividade e complexidade, sofrendo modificações cada vez mais rápidas que influenciam na forma como o jovem percebe e se posiciona frente ao mesmo. Este

fenômeno é resultante de determinantes históricos e contingências da evolução tecnológica da sociedade atual. Constatam-se que uma série de valores e processos relacionados à atividade laboral, que eram percebidos como mais estáveis e lineares encontram-se hoje em constante redefinição, gerando uma menor estabilidade nos empregos e nas carreiras (Dutra, 2008).

Nesse sentido, as carreiras tradicionais encontram-se em declínio, sendo substituídas pelo que Robbins (2007) denomina de *carreiras sem fronteiras*. De um modelo de crescimento vertical, com aumento gradativo de remuneração, autoridade, status e estabilidade passou-se a um modelo de carreira no qual as pessoas devem ser flexíveis, aprender continuamente e mudar sua identidade funcional com o passar do tempo. Esse modelo, no qual a incerteza é crescente, torna difícil para os indivíduos e para as instituições a realização de planos e previsões (Robbins, 2007). Assim, algumas atividades podem ser realizadas por trabalhadores temporários ou de maneira terceirizada.

Observa-se, portanto, que o contexto laboral está cada vez mais complexo, permeado por mudanças e instabilidade nas profissões (Jenschke, 2003). Desta forma, torna-se relevante, buscar compreender como os jovens, especialmente os provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas, percebem o mundo trabalho, na medida em que esses jovens podem apresentar maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho do que os provenientes de outras classes com maiores possibilidades (Langer, 2009).

A partir do exposto, alguns conceitos centrais para o desenvolvimento deste estudo devem ser delimitados. Segundo Brown (1972), o conceito de trabalho tradicional e ortodoxo, que serviu de inspiração para administradores e psicólogos industriais durante muito tempo, baseou-se na crença presente no Velho

Testamento. Essa considera o trabalho, especialmente o físico, como uma maldição imposta ao homem como punição pelos seus pecados, sendo que o homem sensato trabalha somente com a finalidade de manter-se vivo e sustentar seus familiares. O trabalho, nessa acepção, relaciona-se a uma atividade física que gera sofrimento e tem como finalidade produzir objetos concretos.

Giddens (1997), por sua vez, observa que o trabalho pode ser definido como a realização de tarefas que envolvem o dispêndio de esforço mental e físico, que tem por objetivo de produzir bens e serviços para a satisfação das necessidades humanas. Esta segunda definição inclui a noção de trabalho intelectual, que cresce em importância à medida que a sociedade evolui. Nesse contexto, a atividade laboral relaciona-se em maior grau a atributos cognitivos, interpessoais, comportamentais e técnicos (Gondim, 2002), e vincula-se menos ao esforço físico.

A noção de trabalho inclui também uma dimensão social. A sociedade elevou o trabalho a um fator estruturante, não só da organização econômica, mas também das relações sociais (Brown, 1972). Nesse sentido, o trabalho geralmente determina uma posição social, círculo de amigos e relacionamentos pessoais (Coutinho, Krawulski, & Soares, 2007).

As definições de trabalho devem ser diferenciadas da noção de emprego. Geralmente os autores consideram o emprego como uma forma particular de trabalho (Brown, 1972; Robbins, 2007). O conceito de emprego surgiu no período da Revolução Industrial para tratar de uma relação entre homens que vendem sua força de trabalho por alguma remuneração e outros que compram essa força pagando um salário por ela. É uma espécie de contrato no qual o possuidor dos meios de produção paga pelo trabalho prestado por aqueles que não detêm esses meios. Desde então, diversas mudanças ocorreram na relação entre empregadores e

empregados. De uma relação de maior dependência e estabilidade de vínculo empregatício, no decorrer de muitos anos, chegou-se a um momento que aponta para a modificação desta tendência. O principal causador desta nova realidade é o incremento do número de contratos de vínculo temporário, devido aos constantes momentos de instabilidade econômica (Robbins, 2007).

Além disso, é útil diferenciar os termos *trabalho* e *emprego* de outro termo comumente relacionado a ambos que é *ocupação*. O principal uso desse termo segue o sentido comum de emprego, negócio ou profissão. Porém, ocupação pode referir-se a qualquer modo de vida ou ofício de um sujeito e pode incluir a posição de empregado, trabalhador doméstico, trabalhador por conta própria, empregador, trabalhador não remunerado em sua própria unidade domiciliar, entre outros (Woleck & Knabben, 2002).

A noção de *profissão* é também fundamental de ser definida. Ela pode ser freqüentemente utilizada como sinônimo de ocupação, trabalho, ofício ou emprego, contudo, ela refere-se a uma atividade especializada obtida a partir de uma formação específica (Barbosa, 1999). Está associada à definição de certo *status* social, identificando certo papel(eis) social(is), inclusive vinculando-se a uma opção de vida, já que “ninguém mais quer ser um trabalhador, todos buscam ser, ao em vez disso, profissionais” (Silva & Soares, 2001, p. 117). Um profissional, geralmente, pertence a um agrupamento (conselho, sindicato), sendo que esse conjunto de indivíduos anseiam por autonomia e controle sobre seus próprios processos de trabalho (Barbosa, 1999). Os profissionais buscam garantir um mercado mais amplo para sua categoria. O projeto de lei do ato médico ilustra isto, à medida que uma classe procura ter certo domínio sobre outras, no caso, os profissionais de saúde

(Aciole, 2006). Dessa forma, as profissões são uma entre tantas formas de se organizar o trabalho.

Um último conceito que é utilizado nesse contexto é o de carreira. Diferentes conotações são atribuídas a esta palavra. Na língua inglesa, o termo significava “estrada para carruagens”. Contudo, a partir do século XIX o termo foi empregado no contexto do trabalho, passando a designar um canal para as atividades econômicas de alguém durante a vida inteira (Sennett, 2006). Este termo não se aplica apenas ao trabalho remunerado ou profissional de um indivíduo, nem apenas àquelas pessoas que passam a vida toda em um único emprego (Robbins, 2007), apresenta uma idéia de continuidade, de uma trilha ou caminho por onde as atividades profissionais se sucedem. Pode ser utilizada para pessoas que apresentam um emprego formal, atividades autônomas ou até mesmo ao trabalho voluntário.

Para Dutra (2008), a carreira é uma sequência de acontecimentos inesperados, ou seja, um caminho, muitas vezes, tortuoso, com várias alternativas e, repleto de incertezas. Neste ambiente volúvel, o trabalhador necessita de uma preparação muito mais complexa, pois o mercado de trabalho contemporâneo dá preferência para pessoas que, além de especialistas em uma área de atuação, sejam também generalistas, isto é, conheçam o contexto em que atuam e consigam aplicar neste os seus conhecimentos.

Os quatro conceitos abordados podem ser facilmente confundidos. Acredita-se que, na maioria das vezes, os jovens não têm uma preocupação a respeito dos mesmos. Por outro lado, pensa-se que dar atenção para estas definições pode auxiliar aos indivíduos em seu planejamento de carreira, à medida que compreender tais conceitos deve facilitar o planejamento para o ingresso no mercado de trabalho. Entende-se que a diferenciação dos termos contribui na elaboração de estratégias

de ingresso no mundo profissional, a partir de uma definição de objetivos do indivíduo.

Pode-se estudar a possibilidade de que tais conceitos sejam menos compreendidos quando se pensa em jovens de classes socioeconômicas desfavorecidas. É importante também procurar inferir quais os valores e crenças que estes atribuem ao ato de trabalhar, a ter uma profissão e estar inserido em um mercado complexo. Acredita-se que conhecendo algo nesse sentido, se poderá compreender melhor o contexto de vida de tais jovens, suas principais dificuldades e meios que utilizam para tentar realizar suas pretensões profissionais.

Assim, levando em consideração a complexidade do mercado de trabalho e supondo que o ingresso neste seja mais difícil para jovens de classes socioeconômicas desfavorecidas, o presente estudo objetiva compreender como jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas entendem o trabalho, quais são os valores que os mesmos atribuem ao fato de trabalhar, ter um emprego, profissão ou ocupação.

## Método

### Participantes

Participaram do estudo 200 estudantes de ambos os sexos (65% mulheres) que frequentavam o ensino médio (48,5% do terceiro ano, 28% do segundo ano e 23,5% do primeiro ano) em duas escolas públicas estaduais da cidade de Santa Maria. Essas escolas estavam situadas em bairros de periferia, caracterizados por um nível socioeconômico desfavorecido. A idade dos participantes variou entre 14 e

26 anos ( $x = 16,88$ ; d.p.= 1,62). A maior parte dos alunos frequentava o turno da manhã (49,5%), sendo que 29% dos jovens estuda a noite e 21,5% o turno da tarde.

### Instrumentos e Procedimentos

Os participantes do estudo responderam a um questionário anônimo, coletivamente, em sala de aula. O instrumento continha questões abertas e fechadas que investigavam dados sócio demográficos, representações sobre trabalho, planos para o futuro, projetos de vida, dificuldades referentes a inserção no trabalho. Nesse estudo, serão tratadas as questões que investigavam as representações de trabalho dos estudantes. Optou-se por utilizar um método de acesso das associações às palavras estímulos, através da solicitação para completar as frases, como por exemplo: “trabalhar é”.

Para a realização do estudo, inicialmente os objetivos e os procedimentos da pesquisa foram apresentados às diretorias das escolas, sendo solicitada à autorização e colaboração das mesmas para a realização da pesquisa em suas instituições. Esse procedimento foi repetido com os professores e alunos, sendo observados os preceitos e procedimentos éticos previstos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1997) durante a condução do estudo. Os questionários foram aplicados coletivamente em sala de aula, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Menores de 18 anos tiveram que levar para seus pais autorizarem sua participação no estudo, além deles próprias assinarem os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido eles próprios.

### Análise dos dados

As informações obtidas nas frases foram submetidas a uma análise de conteúdo temática categorial. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, que permitem inferir conhecimentos a partir do conteúdo das mensagens analisadas (Bardin, 1979). Este tipo de análise trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva a produção de inferências do conteúdo da comunicação, buscando-se categorizar as unidades do texto (palavras ou frases) que se repetem. Assim, as respostas foram desmembradas em unidades, segundo reagrupamentos analógicos (Minayo, 2000), que visam descobrir núcleos de sentido. Além disso, busca-se realizar um levantamento de frequência dessas unidades, agrupadas em categorias para realizar comparações.

## Resultados

Entre os jovens participantes do estudo, 50% responderam que já reprovaram alguma vez na vida, sendo que entre esses jovens que já haviam reprovado 27,5% relatou ter reprovado uma vez, 16,5% duas vezes, 4% três vezes e 2% mais de quatro vezes.

No que se refere à escolaridade dos pais, 19,5% dos jovens não indicaram qual o grau de instrução de seus pais e 11,5% não souberam referir a escolaridade de suas mães. No que tange à educação do pai, considerando apenas as respostas dos jovens que sabiam indicar a escolaridade dos pais: 43,5% possuem o primeiro grau incompleto, 27,3% o segundo grau completo e 17,4% primeiro grau completo. Já à escolaridade da mãe apresentou a mesma tendência, 40,8% das mães possuem o primeiro grau incompleto, 26,5% o segundo grau completo e 19,8% têm o primeiro grau completo. Os jovens ainda referiram que 6,8% dos pais e 7,4% das

mães possuíam o segundo grau incompleto e 5% dos pais e 4,5% das mães possuíam o terceiro grau completo.

Foi questionado sobre a situação atual de trabalho remunerado apresentada pelos estudantes. Os estudantes que deveriam responder a uma questão de múltipla escolha indicaram as seguintes situações: 36% dos jovens nunca trabalhou; 28 % indicou que estavam trabalhando no momento da realização da pesquisa; 27% dos participantes indicaram que já haviam trabalhado, mas que atualmente não se encontravam e com vínculo empregatício e 25 % dos respondentes indicou que estavam procurando um trabalho.

A Tabela 1 apresenta o setor no qual os estudantes que assinalaram a afirmação “estou trabalhando” indicaram estar desenvolvendo suas atividades no mercado de trabalho. Destaca-se que dos 56 alunos que referem estar trabalhando, 66,1% exercem a atividade sem carteira assinada, enquanto 33,9% indicaram estar atuando no mercado de trabalho com carteira de trabalho assinada. Os critérios para a categorização das respostas fornecidas pelos participantes foi o tipo de atividade realizado pelos jovens, baseado em suas respostas. Alguns estudantes marcaram a opção “estou trabalhando”, porém não indicaram em que área estavam atuando, esses jovens são descritos na Tabela como “não responderam a questão”.

Tabela 1 – Área de atuação dos alunos inseridos no mercado de trabalho formal.

Área de inserção no mercado de trabalho	Frequência	Percentual
Comércio	15	26,8
Área administrativa de organizações	12	21,4
Trabalho em indústrias (produção)	6	10,7
Serviços domésticos	2	3,6

Outros lugares (serviço militar, construção civil, etc)	14	25
Não responderam a questão	7	12,5
Total	56	100

O trabalho em outros lugares foi apontado por 14 estudantes, sendo que suas respostas foram divididas em subunidades que totalizaram 25. Estas atividades diziam respeito à área da prestação de serviços (40%), à realização de estágios (40%), ao serviço militar (12%) e ao trabalho na construção civil (8%). Sete participantes marcaram a opção “estou trabalhando”, contudo não indicaram sua área de atuação.

#### “Trabalhar é” - concepções sobre trabalho

A frase “Trabalhar é” obteve 233 unidades de sentido entre as respostas oferecidas pelos estudantes. Entre os 200 participantes, apenas 27 não completaram a afirmação. As respostas foram agrupadas em 10 subcategorias, sendo que trabalho significou para os jovens: *ter independência e sustento* (32,6%); foi considerado *algo bom e/ou favorável* (27,9%), *algo necessário/ fundamental* (14,1%), *uma responsabilidade/ compromisso* (6%), *uma possibilidade de ascensão social* (4,3%), *um meio para alcançar objetivos* (3%), *um meio de ser útil* (3%), *um meio de se fazer o que se gosta* (2,6%) e *algo ruim e/ou desfavorável* (2,6%). Alguns estudantes ainda apenas descreveram a *tarefa de trabalhar* (3,9%).

A categoria denominada *independência e sustento* contou com respostas que relacionam o fato de trabalhar à possibilidade de se tornar independente financeiramente dos pais ou da família de origem. A título de exemplo de respostas que foram oferecidas nessa categoria indica-se: “trabalhar é ser independente”, “ter seu dinheiro próprio e se sustentar”, “poder adquirir dinheiro e sustento” ou “ter seu

próprio dinheiro e não depender de ninguém”. Já a categoria denominada trabalho como *algo bom e/ou favorável* congregou respostas que consideraram o fato de trabalhar uma experiência boa ou que gera consequências favoráveis ao indivíduo. Como exemplo de resposta desta categoria encontra-se: “é uma experiência muito boa”, “é muito bom”, “bom” e “uma experiência boa para o nosso futuro”.

A categoria que congregou, por sua vez, as respostas que consideraram o trabalho como *algo necessário/ fundamental* apresentou respostas indicando que o trabalho é “necessário”, “fundamental”, “importante”, “indispensável para uma vida normal e digna” e “muito importante”. Os jovens que descreveram o trabalho como uma *responsabilidade/ compromisso* teceram afirmações como “trabalhar é ter uma responsabilidade”, “trabalhar é ter compromisso”, “é ser responsável”. Já aqueles que indicaram que perceberam o trabalho como *uma possibilidade de ascensão social* apresentaram respostas como “crescer na vida”, “subir na vida”, “crescer profissionalmente”. Os estudantes que apenas descreveram a *tarefa de trabalhar* ofereceram afirmações como “pegar no batente”, “fazer as tarefas que nos são dadas”, “exercer carga horária para obter lucro”.

Os adolescentes que consideraram o trabalho como *meio para alcançar os objetivos* ofereceram afirmações como “conquistar sonhos e metas”, “se esforçar para conseguir algo”, “conquistar meus objetivos”. O trabalho foi ainda percebido como uma *atividade útil em 3% das respostas* (ex: “fazer alguma coisa que tenha utilidade”, “saber que você é útil em alguma coisa”). Afirmações que relacionaram o trabalho com *o fazer o que se gosta* contaram com 2,6% das respostas (exemplo: “Ter amor aquilo que se faz, fazer aquilo que gosta”, “fazer o que gosto”). Por fim, respostas que consideraram o trabalho como *algo ruim ou desfavorável* apresentaram frequência de 2,6% (exemplos: “chato”, “pra loko” ou “cansativo”).

“Ter uma profissão é”

Foi solicitado aos jovens que complementassem a frase: “Ter uma profissão é”. Dos 200 participantes, 37 jovens deixaram em branco essa afirmação. As 176 unidades de sentido identificadas foram agrupadas em dez categorias. A primeira categoria agregou respostas que consideram o fato de ter uma profissão como *algo bom ou que traz consequências favoráveis ao indivíduo* (20,4%). Exemplos de respostas dessa categoria incluem “bom para o meu desenvolvimento profissional”, “ótimo para a vida”, “ótimo”, “excelente” e “um presente muito bom, ótimo”. A segunda categoria foi composta por respostas que consideraram a profissão *necessária/ fundamental para si ou para a vida em sociedade* (20,4%). Exemplos de afirmações nessa categoria são “importante, pois a vida nos cobra isso”, “indispensável hoje em dia”, “tudo na vida de uma pessoa”, “muito importante” e “fundamental”. Já a terceira categoria reuniu as respostas que indicaram que ter uma profissão é algo associado à *valorização e realização pessoal* (14,8%). Exemplos de respostas que compuseram essa categoria são: “um sonho realizado”, “ser alguém na vida”, “ter uma realização na sua vida”, “muitas vezes realizar uma meta muito grande” e “uma realização”.

A categoria denominada *obter independência e sustento* somou 10,9% das respostas, apresentando indicações como “ser independente” e “ter uma vida sustentável”. 10,2% das afirmações relacionaram-se a *ter um projeto de vida*, incluindo “ter um projeto de vida” e “pensar no futuro”. Parte dos respondentes (5,7%) descreveu a profissão como *forma ou garantia de trabalho*, tendo como

exemplo descrições do tipo “ter a possibilidade de trabalhar em alguma coisa” e “ter um emprego”. *Fazer o que se gosta* (5,1%) incluiu indicações do tipo “amar o que faz” e “fazer o que gosta”; *ter oportunidades* (4,5%) apresentou respostas como “ter mais oportunidade na vida” e “pois abre caminhos para o mercado”; *ter uma formação ou qualificação* (4%) reuniu indicações como “estar qualificado em alguma área” e “ter uma qualificação e *ter responsabilidade* (4%) incluiu respostas do tipo “ser responsável” e “criar responsabilidade”.

“Eu quero um trabalho” - expectativas relacionadas ao trabalho

Na frase para completar “eu quero um trabalho” foram obtidas 198 unidades de sentido entre as respostas dadas por 162 jovens (38 deixaram essa questão em branco). A categoria que obteve maior percentual foi *gosto e identificação com o trabalho* (28,3%), agrupando respostas que os jovens indicaram buscar um trabalho no qual gostem de atuar e com o qual se identifiquem. Exemplos de respostas dessa categoria são: “que eu goste”, “que me dê prazer”, “que eu goste e não por obrigação”, “que combine comigo” e “que eu me identifique”. Outra categoria de elevado percentual foi *independência e sustento próprio* (25,8%), essa categoria teve afirmações como “que eu me sustente na balança social”, “para poder ter minha independência financeira”, “que supra todas as minhas necessidades financeiras”, “que eu não precise depender de ninguém”, “pra sair de casa e ganhar o meu próprio dinheiro”, entre outras. A categoria *que traga algo bom* (21,2%) reuniu afirmações como “que traga prazer e alegria”, “que me deixe feliz”, “que me faça bem”, “um trabalho bom” e “que me traga satisfação”.

Com percentuais menores aparecem às categorias: *que forneça estabilidade/trabalho formal* (7,1%) (exemplos de respostas dessa categoria são “que me de

renda fixa, vale transporte e vale alimentação”; “de carteira assinada”); *que promova valorização e realização pessoal* (6,6%) (exemplo: “que eu me sinta realizada”; “que possa me ajudar a construir o sonho”; *que ofereça oportunidades de crescimento* (4,5%) (exemplo: “que me de mais oportunidades”; “que me de chances de crescer profissionalmente”); *que se encontre na área almejada* (4%) (exemplo: “na área que eu gostaria”, “que seja exatamente aquilo que me formei”) e *outras respostas* (2,5%) (exemplo: “ para ter o que faze”, “quando eu já tiver terminado o 2° grau”).

“Trabalhando, eu ...

Foi solicitado aos estudantes que completassem a questão “trabalhando, eu” buscando também conhecer suas expectativas e representações relacionadas ao trabalho. Foram identificadas 169 unidades de sentido dadas por 160 jovens referentes a essa afirmação (40 participantes não responderam a questão). A categoria *independência e ganho financeiro* representou 49,7% das respostas, afirmações como eu “pago as minhas contas”, “tenho minha independência financeira”, “terei meu próprio dinheiro”, “não dependerei de outros” e “me tornarei uma pessoa independente” são exemplos de unidades de sentido dessa categoria. A segunda categoria com maior percentual de respostas (24,8%) foi *consequências favoráveis*. Exemplos de afirmações que compõem a categoria são “me sinto bem”, “me divirto”, “faço amizades”, “ganho experiências” e “acho muito bom”. *Realização de objetivos* contou com 17,7% do percentual das respostas. Foram reunidas nessa categoria afirmações que indicam que o trabalho possibilita a realização de metas pessoais, exemplos de afirmações são: “posso atingir meus objetivos”, “consegurei realizar meus projetos”, “consigo o que pretendo”, “posso ter uma vida um pouco melhor” e “pretendo realizar minhas pretensões”.

Outras respostas a essa frase compuseram as categorias: *ter responsabilidade* (3,6%), *outras respostas* (3%) e *consequências desfavoráveis do trabalho* (1,2%). Exemplos dessa última categoria são: “me canso bastante”, “canso”.

“Sem trabalho eu ...”

Foi solicitado aos estudantes que completassem a frase “sem trabalho, eu”, as respostas dadas a essa afirmação resultaram em 151 unidades de sentido por 149 participantes (51 jovens deixaram a afirmação sem preencher). A categoria que apresentou um maior percentual (39,7%) de respostas foi denominada *dependência financeira*. Esta inclui respostas que relacionam o fato de ficar sem trabalho com a dependência financeira dos pais ou familiares. Alguns exemplos de respostas incluem “dependo dos outros, dos meus pais”, “não posso conseguir me sustentar”, “fico dependendo dos meus pais”, “não consigo ser independente financeiramente” e “não conseguiria fazer nada porque não iria ter dinheiro”.

Um segundo conjunto de respostas dado foi reunido na categoria denominada *ocorreria algo ruim ou desfavorável* (27,8%). Nesta categoria estão colocadas afirmações que indicam que quem está sem trabalho encontra-se em uma situação ruim e vivencia situações desfavoráveis. Afirmações que compuseram essa categoria foram “acho ruim”, “me sinto incomodada”, “odeio”, “acabo como um vagabundo” e “enlouqueço”.

As demais categorias de respostas foram: *sem trabalho não se alcança objetivos* (11,9%) “Não consigo meus objetivos”, “ não poderei alcançar os objetivos que quero atingir”, *não se é alguém na vida* (11,3%) “vou ser uma nada”, “não sou praticamente nada”, *outras atividades são realizadas pelo fato de não se trabalhar*

(5,3%) “Fico em casa”, “procurarei emprego, assim como milhões de brasileiros”, *consequências favoráveis* (2%) “posso me dedicar totalmente aos estudos”, “fico bem, pois não tenho contas nem ninguém para sustentar”, e com o mesmo percentual foram identificadas afirmações consideradas insuficientes ou que não contemplaram o conteúdo da questão.

“Se eu trocasse de trabalho, eu...”

Foram oferecidas 116 unidades de sentido à frase “se eu trocasse de trabalho, eu...” por 115 participantes (85 jovens deixaram a questão sem completar). *Consequências favoráveis* (25%) congregou respostas que indicam que a mudança de trabalho seria percebido como algo positivo ou que traria consequências favoráveis. Respostas como “iria ficar feliz”, “procuraria tranquilidade”, “teria as oportunidades”, “iria gostar muito”, “iria me dar bem” compõem essa categoria. A categoria *troca por um trabalho melhor* (22,4%) reuniu respostas que indicam a busca por uma situação melhor de trabalho. Exemplos de afirmações nessa categoria são: “trocaria para um melhor ainda”, “gostaria de ir para um lugar bom”, “iria trocar por um trabalho melhor”, “escolheria uma área melhor”, “procuraria uma chance melhor”. Foram ainda identificadas as categorias: *consequências negativas ruins* (15,5%), incluindo “não me sentiria feliz” e “não gostaria”; *busca por melhor remuneração* (14,7%), tendo indicações do tipo “gostaria de receber mais, só isso” e “preferia o que me oferece mais dinheiro”; *esforço pessoal no novo trabalho* (11,2%), obtendo-se respostas como “iria me dedicar o máximo” e “trabalharia com afinco, do mesmo jeito como estava no anterior”; *trabalhar na área de interesse* (9,5%), apresentando afirmações como “faria alguma coisa na área do esporte” e

“trabalharia como arquiteta, ou engenheira civil” e *outras respostas* (1,7%), como “não tenho trabalho” e “sei lá”.

### Discussão dos resultados

No presente estudo foi constatado que os jovens de classes desfavorecidas buscam por meio do trabalho, principalmente, alcançar a realização pessoal e profissional. Para eles, trabalhar representa um caminho para uma vida mais digna e a possibilidade de obter condições de vida melhores. Estes jovens percebem a inserção laboral como uma oportunidade para mudar a sua situação atual de vida, assim como a da família de origem. Dentre as questões que compuseram a pesquisa, algumas categorias de respostas foram recorrentes em todas as frases estímulo. Essas categorias indicam que o trabalho está principalmente associado a mudanças nas condições financeiras e sociais dos participantes. Nas frases estímulo “*trabalhar é*”, “*ter uma profissão é*”, “*trabalhando eu*”, “*eu quero um trabalho*”, “*sem trabalho eu*” a categoria que obteve um maior percentual de resposta foi a denominada nesse estudo de *independência financeira/sustento*. Torres (2010) encontrou resultados semelhantes ao realizar um estudo com jovens trabalhadores de classes populares da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. No estudo citado, os jovens, em sua maioria, consideraram que é trabalhar era uma satisfação, uma vez que através desta atividade podiam obter recursos financeiros próprios, que lhe possibilitariam adquirir bens de consumo, que seus pais não podiam prover.

Os jovens participantes desta pesquisa perceberam o trabalho de maneira positiva, como se verificou pela classificação de respostas que completavam as afirmativas relacionadas a trabalho e profissão na categoria *bom/atribuição favorável*. Além disso, foram mencionadas respostas que apontam que o trabalho

adquire um sentido vinculado à obtenção de maiores responsabilidades e comprometimento dos jovens. Os dados do estudo sugerem que os jovens possuem uma visão talvez ingênua ou socialmente desejável a respeito do trabalho. Algumas respostas podem ser consideradas como clichês, ou seja, politicamente corretas e esperadas pela sociedade. Nesse sentido, pode-se questionar se os jovens respondem que trabalhar é “bom” porque realmente acreditam nisso ou por ser uma resposta com maior aceitação social. Oliveira (2005), em um estudo com adolescentes em São Paulo, também verificou que a representação do trabalho durante a adolescência foi considerada positiva, reproduzindo um discurso moralista no qual o trabalho é responsável por dignificar o homem, mesmo que prejudique os estudos. Porém, a referida pesquisa apontou também opiniões opostas, indicando que o trabalho pode acomodar os adolescentes, afastando-os dos estudos (Oliveira, 2005). Ainda em relação às definições de trabalho, Thomé (2010), em um estudo realizado com jovens de nível socioeconômico desfavorecido, encontrou que estes percebem o trabalho como algo que proporcionará dinheiro e também como sendo uma produção do que é útil. O trabalho constitui-se como uma via importante para a manutenção de cuidados de diversas áreas da vida ao promover a possibilidade de ganhos financeiros e benefícios (Jesús & Ordaz, 2006).

Outra categoria mencionada com significativa expressão refere-se aos adolescentes entenderem as questões sobre trabalho e profissão como *necessárias/fundamentais*. Essa noção de que trabalhar é necessário e fundamental está de acordo com os achados de Lachtim e Soares (2011), que encontraram, entre adolescentes, a percepção de que o trabalho é algo valoroso e essencial. Acredita-se que trabalhar foi considerado importante na visão dos jovens porque levaria à conquista de objetivos. Além disso, essa dimensão poder estar refletindo a busca

por um trabalho ou profissão que construa algo produtivo tanto ao indivíduo como para a sociedade e que ofereça condições de sobrevivência para o jovem e sua família. Também esteve presente a noção de que se deve ter um tipo de trabalho do qual se goste, ou seja, há uma busca por uma atividade laboral que proporcione satisfação e prazer na sua realização. Entretanto, nem sempre isso é possível para os jovens de classes populares. Pereira e Carmo (1994) apontam que, historicamente, o trabalho sempre esteve presente na vida de crianças e adolescentes das camadas menos favorecidas economicamente. Devido às dificuldades financeiras das famílias, os jovens lançam-se cedo no mercado de trabalho, o que ocorre, na maioria das vezes, sem nenhuma qualificação. Assim, submetem-se a exercer atividades mal remuneradas, sem direitos trabalhistas e sem perspectivas de crescimento profissional. Nestes casos, pode ocorrer desmotivação, cansaço e problemas de saúde decorrentes de experiência mal sucedidas de trabalho. Oliveira (2005) destaca que sentir-se bem e gostar da atividade laboral tem impacto significativo no campo da saúde do indivíduo, família e comunidade. De acordo com a Carta de Ottawa, que direciona as bases da promoção da saúde, o trabalho deveria ser fonte de saúde para as pessoas, bem como a organização social do trabalho deveria contribuir para a constituição de uma sociedade mais saudável (Brasil, 2001).

Observou-se, através da análise dos dados obtidos na pesquisa, que os jovens atribuem significados similares com relação aos conceitos de trabalho e profissão, ambos apontando um sentido de conquista de metas. Seis categorias sintetizaram os significados de trabalho e profissão: independência/ sustento, bom/atribuição favorável, necessário/fundamental, responsabilidade, fazer o que gosta, descrição de tarefas. Estes achados são semelhantes aos descritos por

Lachtim e Soares (2011), Langer (2009) e Sarriera et al. (2000). A atividade laboral foi percebida como um elemento condicionante do futuro dos jovens, na medida em que é um meio para realizar objetivos de vida, estando principalmente relacionada às idéias de independência financeira. Os rendimentos podem possibilitar a desvinculação financeira da família de origem (Langer, 2009), numa busca de autonomia frente ao mundo adulto (Lachtim & Soares, 2011). No presente estudo, grande parte dos alunos residia com os pais ou familiares até este momento da vida, em que cursavam o ensino médio. Isso nos reporta para o que afirma Santos (2005) quando aponta que muitos jovens moram com seus pais, não trabalham e, geralmente, continuam assim até a conclusão de seus estudos ou até o ingresso no mercado de trabalho. Nesse sentido, a conquista da independência financeira está muito vinculada ao fato de ter ou não um trabalho que os possibilite obtenção da autonomia tão almejada pelos jovens. Carreiro et al. (2011) afirmam que a realização profissional atrelada às atividades de trabalho possibilita a superação da situação econômica desfavorável. Além disso, as atividades laborais têm relação direta com a identidade profissional. Esse aspecto é um dos mais importantes na identidade individual, à medida que esta depende e é alterada pelos relacionamentos sociais (Magalhães & Gomes, 2005). Acredita-se que a identidade profissional dos jovens participantes deste estudo esteja em processo de construção e que estes relacionam fortemente o gostar de fazer alguma coisa com a identificação profissional ou mesmo com a escolha.

Identificou-se também que, em alguns aspectos, houve uma diferenciação dos termos profissão e trabalho pelos jovens. Por exemplo, as categorias atribuição desfavorável, alcançar objetivos, ascensão e utilidade, apenas foram constituídas na questão *trabalhar é*. No entanto, outros grupos de respostas como valorização e

realização pessoal, projeto de vida, oportunidades, formação/qualificação fizeram-se presentes apenas na pergunta *ter uma profissão é*. Isto pode indicar que os sujeitos pesquisados atribuem um sentido mais prático quando pensam em termos de trabalho, pois as respostas que se referem ao termo “trabalho” estão mais direcionadas à possibilidade de ascensão, conquista de objetivos e realizar alguma atividade útil. Pode-se mencionar ainda que, para o conceito de trabalho, alguns jovens descrevem o ato de trabalhar como algo desfavorável. No entanto, ao se referirem à profissão, os participantes mencionaram apenas afirmativas associadas com aspectos positivos. Pode-se pensar que essa diferenciação conceitual dos termos trabalho e profissão possa estar relacionada à concepção de trabalho como atividade estritamente ligada à obtenção de remuneração. Pensando-se na questão financeira, Rizzo (2010) descreve, em seu estudo realizado com jovens carentes, que o trabalho aparece como a via principal para que esses indivíduos ascendam no meio social e realizem seus projetos futuros.

Diante destes anseios dos jovens, é importante assinalar que o mundo do trabalho vem sofrendo diversas transformações, caracterizado, atualmente, pelo desenvolvimento e advento de novas tecnologias de produção e de gestão. Os indivíduos em busca de uma colocação no mercado necessitam de constante reorganização em termos da sua qualificação profissional e pessoal (Burnier, 2006). Os trabalhadores transitam num ambiente caracterizado pelo constante aumento da concorrência, exigindo qualificação permanente, flexibilidade e inovação. Tendo consciência desta realidade, os jovens participantes deste estudo, mostraram preocupação em progredir na vida, continuar os estudos após o término do ensino médio, revelando-se preocupados em adquirir qualificação para que sua entrada e permanência no mercado seja realizada com maiores chances de sucesso. O

trabalho aparece como uma possibilidade de conquistar a tão almejada ascensão social e sua autonomia financeira. Com isto, os jovens poderão até mesmo auxiliar seus familiares nas despesas, que até o momento eram os únicos provedores do sustento da família.

## Conclusões

O presente estudo propôs-se conhecer como jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas entendem o trabalho. Verificou-se uma ênfase nas respostas indicando que o trabalho seria a forma como estes conseguiriam atingir a independência ou autonomia financeira com relação à família, possibilitando o seu sustento pessoal. Assim, nas quatro principais questões apresentadas aos jovens, as quais encontram-se discutidas nesta pesquisa, a categoria denominada *independência – sustento* apareceu entre os maiores percentuais de respostas. Para a questão “trabalhar é” o seu percentual foi de 32,6%, para “ter uma profissão” totalizou 10,9%, em “eu quero um trabalho” chegou-se a 25,8% e na questão “trabalhando, eu” obteve o maior índice, 49,7%.

Atribui-se tais resultados à própria condição socioeconômica da família dos participantes. Nesse sentido, a baixa renda se constitui em uma carga de restrições colocada aos jovens. Isso pode explicar também a quantidade de respostas que relacionam o trabalho à possibilidade de adquirir bens de consumo, bem como ascensão social. Um exemplo que pode ilustrar a condição de dificuldade desses jovens no mercado refere-se ao fato de que apenas 33,9% dos participantes que estavam trabalhando no período da pesquisa o faziam com carteira assinada. Dessa forma, os estudantes encontram-se inseridos no mercado informal de trabalho, geralmente caracterizado pela baixa remuneração e condições precárias.

Para as questões também foram fornecidas muitas respostas que adjetivaram o trabalho e suas circunstâncias com atribuições boas ou favoráveis. Para as perguntas “trabalhar é” e “ter uma profissão é”, os índices ficaram em 27,9% e 20,4% respectivamente. Assim, tanto o fato de ter um trabalho, quanto o de ter uma profissão foi considerado “bom”. Muitos alunos também querem um trabalho “bom” (21,2%) e se mudassem de trabalho o mesmo também deveria ser assim (25%).

Nesse sentido, duas hipóteses podem ser sugeridas quanto à elevada quantidade de respostas indicando atribuições favoráveis a se ter um trabalho ou profissão. A primeira pode estar relacionada ao fato de que o trabalho seja visto como meio para obtenção de independência e mudança de vida para uma situação de autonomia financeira. A segunda pode atrelar-se a uma estereotipia de respostas, ou seja, seriam afirmativas que poderiam ser consideradas como clichês, esperadas e reforçadas pela sociedade. O que também pode contribuir para se pensar nesta possibilidade é a análise de algumas respostas à questão “sem trabalho, eu”. As mesmas fazem referência ao fato de ser “taxado de vagabundo”, de se sentir inútil ou incomodado.

Por fim, cabe tecer algumas considerações acerca das limitações deste estudo. Acredita-se que os resultados aqui apresentados sofreriam alguma variação caso a pesquisa fosse realizada apenas com alunos do terceiro ano do ensino médio. Devido a dificuldades em termos de acesso aos participantes, necessitou-se estender a investigação a alunos do primeiro e segundo anos. Caso houvesse tal possibilidade, as opiniões dos participantes poderiam se caracterizar por uma maior clareza nas suas opiniões, uma vez que no terceiro ano os estudantes talvez se mostrassem mais preocupados com a transição ao mercado de trabalho. Assim, esperar-se-ia que as indicações em termos das categorias *bom – atribuição*

*favorável*, por exemplo, obtivessem menores percentuais de respostas, sendo que estas estariam mais distribuídas em outras categorias ou melhor especificadas em novos agrupamentos. A pouca variação na qualidade das respostas pode ser atribuída, também, ao fato de que apenas 54,5% dos participantes já tiveram algum tipo de experiência prática no mercado de trabalho.

Nesse sentido, as sugestões que podem ser pensadas para estudos futuros referem-se à possibilidade de se concentrar apenas em estudantes do terceiro ano do ensino médio das escolas com este tipo de população. Existem na literatura estudos que comparam estas idéias entre alunos de classes desfavorecidas com populações de outros estratos sociais, ou mesmo comparando estas temáticas entre estudantes de instituições públicas e privadas. Porém, percebe-se a necessidade de mais pesquisas nesta área.

## Referências Bibliográficas

Aciole, G., G. (2006). A lei do ato médico: notas sobre suas influências para a educação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 30(1), 47-54.

Barbosa, M., L. (1999). Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14(39), 186-190.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Burnier, S. (2006). Os significados do trabalho segundo técnicos do nível médio. *Educação & Sociedade*, 27(94), 131-157.

Brasil. Ministério da Saúde (2001). Promoção da saúde: Carta de Ottawa (1986).

Brown, J., A., C. (1972). *Psicologia social da indústria*. São Paulo: Atlas.

Carreiro, T., C., Pinto, B., O., S., Carvalho, C., G., Rodriguez, L., S., Alves, V., B., & Estevinho, W., L. (2011). Juventudes e trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 1(1), 41-54.

Coutinho, M., C., Krawulski, E., & Soares, D., H., P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 29-37.

Dutra, J., S. (2008). *Gestão de pessoas: modelo, processos, tendências e perspectivas*. São Paulo: Atlas.

Giddens, A. (1997). *Política, sociologia e teoria social*. São Paulo: Unesp.

Gondim, S., M., G. (2002) Perfil profissional e Mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Revista Estudos de Psicologia*, 7(2), 299-309.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Jenschke, B. (2003). A cooperação internacional: desafios e necessidades da orientação e do aconselhamento em face das mudanças mundiais no trabalho e na sociedade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 35-55.

Jesús, M., & Ordaz, M., G. (2006). El significado del trabajo: estudio comparativo entre jóvenes empleados e desempleados. *Segunda Época*, 25(2), 64-77.

Lachtim, S., A., F., & Soares, C., B. (2011). Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(2), 277-293.

Langer, A. (2009). *Mutações no mundo do trabalho. A concepção de trabalho de jovens pobres*. Tese de doutoramento não publicada, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Magalhães, M., O., & Gomes, W., B. (2005). Personalidades vocacionais, generatividade e carreira na vida adulta. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 71-79.

Minayo, M., C., S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Saúde - Conselho Nacional de Saúde (1997). Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. *Resolução CNS 196/96*. Brasília: Ministério da Saúde.

Oliveira, D., C., Fischer, F., M., Amaral, M., A., Teixeira, M., C., T., V., & Sá, C., P. (2005). A Positividade e a Negatividade do Trabalho nas Representações Sociais de

Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 125-133.

Robbins, S., P. (2007). *Comportamento organizacional*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Rizzo, C., B., S., & Chamon, E., M., Q., O. (2010). O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. *Trabalho. Educação. Saúde*, 8 (3), 407-417.

Santos, L., M., M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.

Sarriera, J., Berlim, C., Verdin, R., & Câmara, S. (2000). Os (des) caminhos dos jovens na sua passagem da escola ao trabalho. In J. C. Sarriera (org), *Psicologia Comunitária – Estudos Atuais* (pp. 45-63). POA: Sulina.

Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

Silva, A., L., P., & Soares, D., H., P. (2001). A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. *Psicologia em estudo*, 6(2), 115-121.

Pereira, I., & Carmo, M., C. (1994) Trabalho do adolescente: mitos e dilemas. Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Caderno do Instituto de Estudos Especiais da PUC-SP*.

Torres, C., A., Paula, P., H., A., Ferreira, A., G., N., & Pinheiro, P., N., C. (2010). Adolescência e trabalho: significados, dificuldades e repercussões na saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 14(35), 839-850.

Thomé, L., D., Queiroz, A., T., & Koller, S., H. (2010). Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. *Paidéia*, 20(46), 175-185.

Woleck, A., & Knabben, B. (2002). O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. *Instituto Catarinense de Pós-Graduação*, 1(1), 1-15.

Projetos profissionais após ensino médio de jovens que se encontram em contexto de vulnerabilidade socioeconômica

O final do ensino médio pode significar a expectativa de ingresso em um curso superior ou o início do exercício de uma atividade profissional. Ambas as situações podem ser prejudicadas quando estão presentes dificuldades socioeconômicas e sociais. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção de jovens, oriundos de classes socioeconômicas desfavorecidas, a respeito de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e da continuidade da vida acadêmica. Foi aplicado um questionário a 200 estudantes de duas escolas públicas do ensino médio do município de Santa Maria. O instrumento continha questões abertas e fechadas, que objetivaram conhecer os planos educacionais e profissionais dos participantes, bem como as dificuldades por eles percebida para realizar esses planos. As informações obtidas nos questionários foram submetidos a análises de conteúdo descritivas e de frequência. Os jovens revelaram que pretendem continuar estudando e trabalhando. No que se refere aos estudos, a maiores expectativa apresentada é o ingresso em cursos universitários. Contudo, consideram ser mais difícil ingressar em um curso de graduação do que obter qualificação de nível técnico pois tanto o vestibular como limitações financeiras são percebidos como empecilhos a esse processo. Dificuldades financeiras também são identificadas na realização de cursos técnicos, assim o ingresso no mundo do trabalho é uma alternativa encontrada para suprir essas dificuldades.

Palavras-chave: juventude, projeto profissional, ensino médio

Projects professional after high school youth who  
are in the context of socioeconomic vulnerability

The end of high school can mean the expectation of join into a college or the begin of exercise an occupation. Both situations can be harmed when are present socio-economic difficulties. The objective of this study was investigate the perception of young people from underprivileged socio-economic classes about of their integration possibilities in the labor market or the continuity of academic life. A questionnaire was applied to 200 high school students of two public schools in Santa Maria city. The instrument included open and closed questions and its goal get to know the professional plans of participants, as well as the difficulty perceived to carry out these intentions. The dates were submitted to descriptive and frequency analyzes. The youth proved that plan continue studying and working. Relative to studies, the majority of the intentions is related to university courses. However, consider hardest join a graduate than obtain technical level qualification, because the entrance exam and financial limitations are perceive like trammels in this process. Financial difficulties also are identify in the realization of technical courses, so the entrance in work world is the alternative found to overcome these difficulties.

Key-words: young, professional project, middle school

## Introdução

As dificuldades características da transição do ensino médio para a universidade ou ao mercado de trabalho, muitas vezes, somam-se a obstáculos culturais e econômicos, em especial, quando se pensa em jovens provenientes de comunidades de baixa renda. Esta transição pode estar associada a condições adversas, que influenciam tanto na passagem para o mercado de trabalho como na construção do projeto de vida dos jovens. Muitas vezes, a inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento de um projeto de vida acabam sendo marcados pela busca de equilíbrio entre o ideal e o possível, determinado por fatores individuais e sócio históricos (Gonçalves et al., 2008).

As constantes modificações ocorridas no mundo do trabalho são desafios a serem enfrentado pelos indivíduos que buscam uma colocação neste mercado. Assim, vemos que o trabalhador deve buscar constante qualificação tanto em termos técnicos como pessoais (Lemos, Dubeux, & Pinho, 2009). Observa-se também uma tendência atual na diminuição das fronteiras entre as profissões, a combinação entre as mesmas, bem como a criação de novas ocupações, até pelo surgimento de novas tecnologias e formas de produção (Teixeira, 2002).

A principal característica do mercado de trabalho atual é a instabilidade, que reflete incertezas em relação ao futuro. Assim, as escolhas por carreira ou atividades laborais sofreram o impacto das mudanças produtivas e sociais ocorridas nas últimas décadas. Essas escolhas estão permeadas por dúvidas e ansiedade generalizada por jovens que almejam se inserir no mercado de trabalho, uma vez que o indivíduo identifica que deverá realizar uma busca constante por empregos, qualificação educacional e pelo desenvolvimento de estratégias de carreira que lhe

possibilitarão a sustentação nesse mercado de trabalho (Bardagi, Lassance, & Paradiso, 2003).

Com o desenvolvimento de novas tecnologias de produção e de gestão, os indivíduos em busca de uma colocação no mercado necessitam de constante reorganização em termos da sua qualificação profissional e pessoal (Burnier, 2006). Os trabalhadores transitam em um ambiente caracterizado pelo constante aumento da concorrência, diminuição de empregos e a exigência de qualificação educacional e profissional permanente (a exemplo da necessidade de apresentar atualização, flexibilidade, criatividade e pró-atividade, características bastante valorizadas em algumas contratações).

No que diz respeito ao acesso à educação superior, hoje, no Brasil, os jovens que se encontram na condição de ingresso a universidade encontram dificuldades. Observa-se que entre as 2.013 (duas mil e treze) instituições de ensino superior brasileiro, 78% (setenta e oito por cento) dessas instituições são particulares (Balbachevsky, 2007); algo que distancia do acesso ao ensino superior quem possui limitações econômicas. O distanciamento que muitos indivíduos possuem da realização de cursos superiores também ocorre por questões sociais, educacionais e territoriais (Langer 2009). Um exemplo de estudo que descreve esses fatores foi conduzido por Dias e Soares (2007) sobre a escolha profissional de jovens habitantes da Ilha do Mel, no Estado do Paraná. As autoras encontraram que as oportunidades limitadas de estudo ofertadas a esses jovens estão entre os principais motivos para eles abandonarem suas comunidades em direção a centros urbanos, mesmo que no futuro desejem voltar para trabalhar em sua comunidade de origem.

Situações como esta podem fazer com que se questione a qualidade do ensino médio oferecido aos alunos de classes desfavorecidas. Vasconcellos (2004)

observa que as "periferias" ou "subúrbios" a partir de suas dificuldades sociais (desemprego, marginalização, exclusão social) estabelecem relações específicas com o sistema escolar. A autora indica que os professores recém formados geralmente iniciam sua carreira em estabelecimentos situados nestas regiões, considerados menos prestigiosos e com piores condições de trabalho. A prática pedagógica exercida teria como elemento central a manutenção da ordem, bem como a adaptação dos conteúdos aos públicos dessas instituições.

No entanto, destaca-se esforços de mudança no panorama de acessibilidade dos jovens ao acesso a cursos universitários. Atualmente, são observados programas federais e estaduais de incentivo a esse acesso, tais como o ProUni e o FIES, que visam diminuir as desigualdades presentes entre as diferentes classes sociais, grupos étnicos, buscando formas mais democráticas de ingresso no ensino superior (Soares & Martins, 2010).

Esta maior facilidade de ingresso nas universidades acabou por atrair indivíduos que antes tinham seu acesso dificultado por limitações principalmente econômicas. Os indivíduos frequentemente percebem o ingresso nos cursos de graduação como uma forma mais rápida de inserção no mercado de trabalho qualificado, que lhes possibilita melhores salários e condições de trabalho. Assim, o ingresso no curso superior é um projeto almejado por jovens que finalizam o ensino médio (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007).

A possibilidade de cursar uma graduação irá depender também de fatores relacionados ao planejamento e desenvolvimento da carreira do indivíduo. Na próxima seção será discutido a respeito deste tema, que inclui tarefas evolutivas, projeto de vida, crenças a respeito do trabalho e condicionantes ambientais.

## O desenvolvimento profissional e o projeto de vida dos jovens

O desenvolvimento da carreira de um indivíduo é permeado por circunstâncias da história, do indivíduo e de seu ambiente. Nesse sentido, Donald Super, na sua perspectiva desenvolvimentista considera aspectos como autonomia, orientação para o futuro, auto-estima, importância e significado do trabalho, avaliação dos interesses, habilidades e valores do indivíduo na tentativa de avaliar melhor as possibilidades profissionais (Oliveira, Guimarães, & Coleta, 2006). Super, Savickas e Super (1996) explicam que o desenvolvimento de carreira é composto por cinco estágios, cada um com objetivos e tarefas evolutivas diferenciadas. Estas tarefas representam expectativas da sociedade a respeito da preparação para o trabalho, sendo que a adaptação a cada uma delas resulta em um funcionamento efetivo em diferentes fases da vida. O primeiro estágio é denominado de *crescimento*, é caracterizado pela aquisição de hábitos e atitudes relacionadas ao trabalho. Nesta etapa o indivíduo tem maior interesse em obter sucesso nas tarefas relativas à escola e, além disso, passa a preocupar-se com o futuro. No estágio da *exploração* é esperado que haja uma cristalização de seus sonhos ocupacionais em uma identidade vocacional, bem como a exploração de alternativas ocupacionais atreladas a essa identidade. Já o estágio do *estabelecimento* visa à consolidação de uma posição na organização através de atitudes e hábitos de trabalho. Este estágio se relaciona com a aquisição de maiores níveis de responsabilidade. Para os indivíduos que permanecem na ocupação e na organização por um longo período de tempo, se considera que os mesmos podem ingressar no estágio de *manutenção*. Neste estágio, os indivíduos mantêm o que adquiriram, atualizam habilidades e conhecimentos e, com isso, inovam em suas atividades diárias do trabalho. Por fim, fala-se de um último estágio denominado de *desengajamento*, que consiste em

desacelerar o ritmo de trabalho, delegando tarefas aos colegas mais jovens, até chegar o momento da aposentadoria (Super, Savickas & Super, 1996).

Savickas (2002) entende que as carreiras não se desenvolvem apenas, mas são construídas. A construção da carreira é estimulada pelas tarefas evolutivas vocacionais, sendo produzida pelas respostas a diferentes tarefas com as quais os indivíduos se deparam ao longo do seu desenvolvimento. Tais respostas implicam no desenvolvimento de um conjunto de atitudes, crenças e competências fundamentais na determinação de como as pessoas escolhem seu trabalho.

O desenvolvimento da carreira do indivíduo se relaciona com seu projeto de vida. Diversos fatores concorrem para a definição de um projeto de vida e de desenvolvimento profissional nos indivíduos, estando esses fatores interligados. Entre esses fatores podemos pensar em influências familiares (Almeida & Pinho, 2008; Nepomuceno & Witter, 2010), dos pares e amigos (Moura & Menezes, 2004; Santos, 2005), do status da profissão almejada (Bartalotti & Menezes-Filho, 2007), das condições sociais (Almeida, Guisante, Soares, & Saavedra 2006). De fato, Gonçalves et al. (2008) defendem a idéia de que cada vez mais o projeto profissional está inserido (ou mesmo sendo considerado o norteador) no projeto de vida do sujeito. Considera-se que o projeto de vida organiza ativamente a adaptação do indivíduo à realidade, propiciando equilíbrio entre o real e o ideal, ou seja, o próprio sujeito já possui uma avaliação sobre qual a possibilidade de sucesso que poderá ter de acordo com as suas condições concretas (Gonçalves et al., 2008).

Os projetos de vida e da própria carreira podem ser mais realistas ou mais fantasiosos. Isto pode ser ilustrado pelo estudo realizado com jovens da Ilha do Mel, desenvolvido por Dias e Soares (2007). As autoras encontraram que os participantes de sua pesquisa tinham diferentes projetos tais como fazer curso superior, ser

modelo, jogador de futebol, guia turístico, policial, marinheiro, pescador, mergulhador, costureira etc. As escolhas e os projetos apresentados pelos jovens podiam estar mais ou menos próximos a realidade vivida por esses jovens, assim implicavam em diferentes ações para sua concretização, sendo que alguns projetos pareciam não depender das ações realizadas pelos jovens.

Segundo Gottfredson (1981), os obstáculos ou as oportunidades que são determinadas a partir do contexto social e/ou econômico ao qual o jovem pertence podem comprometer as chances de alguém ingressar em uma determinada ocupação. Frequentemente, o indivíduo faz uma avaliação a respeito de sua possibilidade de acessar determinada profissão. Este juízo acaba por interferir seriamente no sentido de tal alternativa ser considerada como viável ou não. Nesse sentido, o autor considera que tais julgamentos levam em conta diversos fatores como: a disponibilidade do trabalho pretendido dentro da área geográfica do indivíduo, a facilidade ou não para obter um treinamento para o trabalho pretendido, o conhecimento ou a falta do mesmo para ingressar em determinada ocupação, etc.

Tais opiniões contribuem para a noção de que um dos mais importantes definidores do projeto de vida e de trabalho do indivíduo seja o pertencimento a uma determinada classe socioeconômica. É possível afirmar que o acesso ao ensino superior está muito relacionado ao nível socioeconômico da família de origem e ao valor sociocultural conferido pelo contexto de origem aos diferentes setores e áreas profissionais. Dessa forma, o jovem busca para o seu futuro o que considera ser mais comum ou mesmo valorizado dentro do grupo sociocultural, perpetuando, muitas vezes, as condições socioeconômicas do grupo de origem. Pode-se dizer então que, com frequência, as escolhas dos estudantes pelos diferentes cursos

superiores atribuem um papel determinante na reconstituição e reprodução das hierarquias sociais estabelecidas (Almeida et al., 2006).

O contexto socioeconômico pode fazer com que o jovem perceba o momento da escolha profissional como decisivo, uma vez que tal definição poderá determinar sua ascensão social, influenciando consideravelmente o seu futuro (Santos, 2005). Assim, embora a maioria dos jovens saiba que o futuro de um indivíduo não depende exclusivamente de sua opção profissional e que essa opção pode ser modificada, as questões vocacionais têm se tornado cada vez mais importantes para os indivíduos (Bardagi, Lassance, & Paradiso, 2003).

Cabe lembrar ainda que muitas vezes as escolhas realizadas não apresentam critérios ou quando apresentam estes podem ser pouco consistentes, como é o caso daquelas realizadas a partir de visões idealizadas e/ou estereotipadas das opções profissionais (Moura & Menezes, 2004). Alguns indivíduos podem considerar como mais relevante o status associado a determinado curso ou instituição de ensino do que as atividades associadas à escolha realizada, quando optam por realizar um determinado curso universitário (Bartalotti & Menezes-Filho, 2007).

Moura e Menezes (2004), por exemplo, observaram que a facilidade de ingresso na universidade, dada a baixa concorrência, é o principal motivo de opção por um determinado curso universitário entre sujeitos inscritos em um programa de orientação para a re-escolha profissional da Universidade Estadual de Londrina/Paraná. No caso de jovens carentes muitos mudam de opção com relação à primeira escolha profissional realizada, a fim de possuírem maiores chances de ingressar na universidade e usufruírem do prestígio associado a esse fato. Geralmente, ocorre a mudança de um curso mais concorrido para um menos concorrido, o que aumenta as chances de inserção no ensino superior (Bastos,

2005). Realizar um curso de graduação é percebido como uma possibilidade de ascensão social para pessoas que se encontram em contextos socioeconômicos menos favorecidos, isso é especialmente indicado por pessoas que conseguem romper as barreiras do vestibular (Melo-Silva, Lassance, & Soares, 2004).

Percebe-se que a análise do processo de escolha profissional e do desenvolvimento de carreira em jovens não deve se centrar unicamente na possibilidade de ingresso em um curso superior. Outros fatores, como o contexto socioeconômico e cultural, as dificuldades associadas ao processo de escolarização também podem afetar a escolha profissional e o desenvolvimento da carreira.

No entanto, Sparta, Bardagi e Andrade (2005) apontam que freqüentar um curso superior é um projeto prioritário, almejado por indivíduos de diferentes culturas e grupos econômicos. O ensino superior é visto como uma continuidade natural dos estudos, estando o diploma universitário associado ao êxito no mundo do trabalho, melhores salários e a possibilidade de ascensão social. Essas representações, podem estar associadas ao fato que ainda são escassos os estudos sobre jovens que podem realizar outras opções, após o ensino médio. Frequentemente programas de orientação profissional e estudos sobre o processo de escolha são realizados com jovens que estão em preparação para realização de um curso superior (Silva et al., 2008).

Noronha e Ottati (2010) indicam a necessidade da realização de maiores estudos em orientação profissional envolvendo variáveis socioeconômicas. Por sua vez, Sparta, Bardagi e Andrade (2005) alertam para a carência de informações sócio-demográficas e vocacionais sobre a população brasileira. Essa ausência se configura como um problema para a área da orientação profissional, na medida em que é necessário levar em conta a diversidade sócio-cultural dos indivíduos que

procuram este serviço. Nesse sentido, esse estudo busca se inserir nesse contexto, buscando conhecer a realidade de jovens provenientes de um contexto socioeconômico desfavorecido.

Parte-se do pressuposto que jovens provenientes das classes desfavorecidas economicamente enfrentam um caminho repleto de fatores condicionantes que podem interferir na realização do curso ou da profissão desejada. Uma boa parte não possui recursos para pagar um pré-vestibular ou o curso universitário desejado. Também considera-se que existem distinções na qualidade ofertada pelas escolas públicas e pelas instituições privadas. Na grande maioria das vezes, o ensino ofertado pela segunda instituição é melhor que o da primeira. Tais fatos podem ter um peso decisivo nas escolhas e realização dos projetos profissionais de jovens de baixa renda (Bastos, 2005).

De acordo com o estudo realizado por Bastos (2005), muitos jovens do Ensino Médio público estudam e trabalham concomitantemente, seja para auxiliar nas despesas de casa ou para prover sua própria sobrevivência. Fica visível, dessa forma, que as determinações econômicas começam a interferir desde cedo na vida dos jovens carentes, uma vez que a decisão de trabalhar não ocorre por opção, mas sim por necessidades financeiras (Bastos, 2005; Lemos, Dubeux, & Pinho, 2009).

As condições econômicas não determinam definitivamente o futuro profissional dos jovens economicamente desfavorecidos. Contudo, restringem as possibilidades do estudante egresso do Ensino Médio seguir a carreira que realmente almeja, devendo adaptar suas escolhas para que consigam acessar e se manter no sistema de Ensino Superior (Bastos, 2005; Melo-Silva, Lassance, & Soares, 2004). Essa adaptação pode fazer com que os futuros acadêmicos não se sintam satisfeitos com a profissão escolhida, uma que vez, segundo Bardagi,

Lassance e Paradiso (2003), o prazer no trabalho advém, principalmente, da identificação pessoal com a área escolhida. Segundo as autoras, estar empenhado e comprometido com a escolha em termos vocacionais promove uma avaliação mais otimista das possibilidades, além de relativizar as dificuldades eventuais para obtenção de resultados e promover um maior bem-estar psicológico.

Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) afirmam que independente da classe social sempre existe possibilidade de escolha, pois o jovem pode optar por continuar estudando, ou inclusive, escolher um caminho que os leve a delinquência. A partir disso, nota-se a necessidade de se trabalhar com atividades que retomem a história de vida dos orientandos e que permitam que os mesmos situem o momento em que estão frente ao que já viveram e frente às expectativas que tem do futuro (Silva & Ourique, 2008).

Presume-se que jovens com menor poder aquisitivo, ou seja, marcados pela vulnerabilidade socioeconômica possuam mais dificuldades de conseguir se qualificar e, possivelmente, de ingressar em atividades laborais melhor remuneradas. Utiliza-se o termo vulnerabilidade no sentido de que este esteja sujeito a circunstâncias quase sempre incontrolláveis e aleatórias (Langer, 2009). Assim, considera-se importante investigar a percepção destes sobre suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Espera-se também, com o presente estudo, inferir como as pretensões de trabalho desses jovens se relacionam com seus projetos de vida futuros.

## Método

### Participantes

Participaram desse estudo 200 estudantes de ensino médio de ambos os sexos (65% mulheres) que freqüentavam o ensino médio (48,5% do terceiro ano, 28% do segundo ano e 23,5% do primeiro ano) em duas escolas públicas estaduais da cidade de Santa Maria. Essas escolas estavam situadas em bairros de periferia, caracterizados por um nível socioeconômico desfavorecido. A idade dos participantes variou entre 14 e 26 anos ( $x = 16,88$ ; d.p.= 1,62). A maior parte dos alunos freqüentava o turno da manhã (49,5%), sendo que 29% dos jovens estuda a noite e 21,5% o turno da tarde. Observou-se que 50% dos estudantes que participaram da pesquisa apontaram que já reprovaram alguma vez na vida. Destes, 27,5% relataram ter reprovado uma vez, 16,5% duas vezes, 4% três vezes e 2% mais de quatro vezes.

### Instrumento e Procedimentos

O instrumento continha questões abertas e fechadas, que investigavam dados sócio demográficos, planos para o futuro dos jovens, motivos para a escolha de cursos técnicos ou universitários e dificuldades percebidas para o prosseguimento de seus projetos educacionais e profissionais. Esse instrumento foi construído a partir de um estudo piloto realizada com 60 adolescentes de ambos os sexos, estudantes do ensino médio de uma escola pública localizada em uma região da periferia na cidade de Santa Maria. Nesse estudo piloto buscou-se mapear quais eram os projetos profissionais e educacionais após o término do ensino médio.

O projeto de pesquisa foi apresentado, com seus objetivos e procedimentos metodológicos à diretoria da escola, sendo solicitada a colaboração da mesma através da autorização para a realização do estudo na instituição. Esse procedimento foi repetido com os professores, solicitando aos mesmos a autorização e a colaboração para que a coleta dos dados fosse realizada em seus períodos didáticos. Foi explicitado aos professores que eles possuíam autonomia para permitir ou não o ingresso dos pesquisadores em sala de aula, mesmo que o estudo já tivéssemos obtido a autorização da diretoria da escola. As autorizações obtidas dos professores foram de caráter verbal. Nenhum professor se negou a colaborar com o estudo. O instrumento anônimo foi respondido, coletivamente em sala de aula (APÊNDICE A). O tempo previsto e utilizado na aplicação do instrumento foi de aproximadamente trinta minutos.

Após o professor ter concordado em colaborar, ingressou-se em sala de aula, explicando aos estudantes os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como os riscos e benefícios de sua participação na pesquisa, convidando-os a participar do estudo. Os alunos puderam optar por participar ou não da pesquisa. Os estudantes que optaram em participar do estudo, que eram menores, receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE (APÊNDICE B) antes do dia da aplicação para que o mesmo fosse levado aos pais e esse autorizasse a participação. Foi combinado que o questionário seria aplicado no dia seguinte a essa primeira conversa em sala de aula ou ainda em horário agendado com o professor. Participaram da pesquisa somente os estudantes maiores de 18 anos que assinaram o TCLE concordando com a participação no estudo, e aqueles menores de 18 anos que trouxeram o TCLE assinado pelos pais e que eles próprios concordaram em

participar do estudo. Após a aplicação, o material usado foi recolhido e acondicionado de modo a manter o sigilo sobre a identidade de cada um.

Todos os preceitos éticos previstos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1997) que regulamenta a realização de pesquisa com seres humanos foram observado na condução do estudo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, com o número de protocolo 0249.0.243.000-10.

### Análise das informações

Foi utilizada uma análise de conteúdo temática categorial para avaliar as questões abertas. Também foram realizadas estatísticas descritivas, quando necessárias para análise de questões fechadas. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, que permitem inferir conhecimentos a partir do conteúdo das mensagens analisadas (Bardin, 1979). Este tipo de análise busca a produção de inferências a respeito do conteúdo da comunicação, trabalhando com a palavra, a partir da categorização de unidades de texto repetidas. As respostas foram divididas em unidades segundo reagrupamentos analógicos (Minayo, 2000), procurando por núcleos de sentido e analisando a frequência dos mesmos (Bardin, 1979).

### Resultados

Foi questionado sobre a situação atual de trabalho remunerado apresentada pelos estudantes. Os estudantes que deveriam responder a uma questão de múltipla escolha indicaram as seguinte situação: 36% dos jovens nunca trabalhou;

28 % indicou que estavam trabalhando no momento da realização da pesquisa; 27% dos participantes indicaram que já haviam trabalhado, mas que atualmente não se encontrava-se com vínculo empregatício e 25 % dos respondentes indicou que estavam procurando um trabalho.

A Tabela 1 apresenta o setor no qual os estudantes que assinalaram a afirmação “estou trabalhando” indicaram estar desenvolvendo suas atividades no mercado de trabalho. Destaca-se que dos 56 alunos que referem estar trabalhando, 66,1% exercem a atividade sem carteira assinada, enquanto 33,9% indicaram estar atuando no mercado de trabalho com carteira de trabalho assinada. Os critérios para a categorização das respostas fornecidas pelos participantes foi o tipo de atividade realizado pelos jovens, baseado em suas respostas. Alguns estudantes marcaram a opção “estou trabalhando”, porém não indicaram em que a área estavam atuando, esses jovens são descritos na Tabela 1 como “não responderam a questão”.

Tabela 1 – Área de atuação dos alunos inseridos no mercado de trabalho formal

Área de inserção no mercado de trabalho	Frequência	Percentual
Comércio	15	26,8
Área administrativa de organizações	12	21,4
Trabalho em indústrias (produção)	6	10,7
Serviços domésticos	2	3,6
Outros lugares (serviço militar, construção civil, etc)	14	25
Não responderam a questão	7	12,5
Total	56	100

O trabalho em outros lugares foi apontado por 14 estudantes, sendo que suas respostas foram divididas em subunidades que totalizaram 25. Estas atividades diziam respeito à área da prestação de serviços (40%), à realização de estágios (40%), ao serviço militar (12%) e ao trabalho na construção civil (8%). Sete participantes marcaram a opção “estou trabalhando”, contudo não indicaram sua área de atuação.

#### Planos para após o ensino médio

Foi apresentada aos participantes uma questão de múltipla escolha que perguntava aos estudantes o que eles pretendiam fazer após concluírem o ensino médio. O estudante poderia marcar mais de uma alternativa, indicando a ordem em que desejava realizar os planos apresentados a ele (1ª, 2ª, 3ª,...). A Tabela 2 apresenta os resultados encontrados, apresentando os percentuais de respostas. Destaca-se que os jovens poderiam optar por marcar o número de opções que lhes conviesse dentro daquelas oferecidas, não sendo limitado o número de opções que poderiam ser indicadas.

Tabela 2. Intenções acerca do que fazer depois de concluir o ensino médio

	1º	2º	3º	4º	5º	6º
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Começar faculdade	23,9	27,5	13,7	7,0	1,0	-
Fazer curso pré-vestibular	22,5	5,6	5,1	1,0	-	-
Trabalhar	18,9	17,3	11,7	7,0	2,0	-
Ingressar no serviço militar	12,3	4,5	6,1	3,5	-	1,5
Fazer curso técnico	11,7	10,7	14,2	3,5	3,5	0,5
Procurar emprego	9,7	11,2	6,1	4,0	-	-
Outro plano	1,0	1,5	0,5	1,5	0,5	-
	100	78,3	57,4	27,5	7	2

OBS.: Não sabem 7,5% (15 participantes).

Observa-se que os jovens que responderam ao estudo pretendem, em sua grande maioria, continuar os estudos, preferencialmente, cursando um curso de nível superior, uma vez que 23,5% apontam que esperam iniciar uma faculdade e 22% realizar um curso pré-vestibular.

#### Concurso vestibular e Curso Universitário

Investigou-se se os jovens pretendiam prestar o concurso vestibular, 81% dos estudantes indicaram que pretendem realizar o concurso, 13,5% não sabem se prestarão ou não o vestibular, 4,5% não pretendem realizar esse concurso e 1% dos participantes não respondeu à questão. Também foi questionado sobre o curso para o qual eles pretendem realizar vestibular. Foram obtidas 184 respostas, 29,3% dos jovens pretendem realizar cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas, 26,1% da

área de Ciências da Saúde, 9,2% Engenharias, 6,5% para a área de Artes e Letras, 6% para as Ciências Agrárias, 4,9% Ciências Humanas, 2,2% Ciências Exatas e 1,1% Ciências Biológicas. Destaca-se que 12,5% dos estudantes responderam que não sabem e 2,1% forneceram respostas que não contemplaram o conteúdo dessa questão, por exemplo, indicaram a realização de um curso técnico.

Foi solicitado aos estudantes que descrevessem, em uma questão aberta, os motivos que os levaram a escolher o curso universitário citado por eles. Foram obtidas 159 unidades de sentido; 69,2% das respostas se enquadraram na categoria denominada *identificação com o curso – profissão*. Esta categoria é composta por respostas nas quais os indivíduos indicam que escolheram determinado curso ou profissão pois gostam e se identificam com atividades relacionadas ao mesmo. Exemplos de respostas dessa categoria são: “porque gosto de esportes”, “gosto da parte de matemática, de calcular”, “porque gosto de cuidar e ajudar as pessoas”, “gosto de defender os outros” e “é a que eu mais me identifico”.

As demais respostas foram agrupadas em categorias que computaram percentuais muito inferiores a anterior. A categoria *boa inserção no mercado ou boas condições de trabalho* totalizou 6,9% das respostas. Nesta categoria estão afirmações que se referem as condições do trabalho ou do mercado, exemplos de respostas são “porque é uma área muito ampla em Santa Maria”, “tem melhoria nas condições de trabalho”. A categoria *Serviço militar ou concurso público* computou 5,7% das respostas, exemplos de resposta são “quero seguir carreira militar” e “quero fazer um concurso público”. As respostas também foram agrupadas na categoria *qualidades pessoais que seriam úteis para a profissão* (4,3%); essa categoria congregou respostas nas quais o indivíduo referia ter alguma qualidade ou característica relacionada a dada profissão ou curso (exemplos de resposta: “as

qualidades que possuo para exercer esse curso”, “acho que é a área que mais se encaixa no meu perfil”, “ter um talento pessoal”; “tenho vocação para o assunto”). A *influência de familiares* foi citada por 3,8%, nessa categoria foram agrupadas respostas que indicam que os pais tiveram alguma influência na escolha do curso universitário (exemplos de respostas são: “pai e mãe ajudaram a escolher” e “insistência da família”). A busca de um curso ou profissão relacionado a expectativa de *obter realização pessoal* foi apontado por 3,8% dos estudantes (exemplos de resposta “ser alguém”, “para me realizar”). A *influência de amigos e conhecidos* foi indicada por 1,9% dos estudantes, exemplos de resposta dessa categoria são “pessoas dizendo que sirvo para isso”, “comecei a gostar de odontologia por causa do meu dentista”. Respostas que indicavam *incerteza quanto a realização de outros cursos* (0,7%) foram encontradas (exemplo: “dúvidas entre outros cursos”). Por fim, 2,5% indicaram que não sabiam responder à essa questão e 1,2% ofereceram outras *respostas que não contemplaram diretamente o conteúdo da questão* (exemplo de resposta “pegar no passado”).

Foi ainda questionado aos jovens se eles acreditavam que teriam alguma dificuldade em fazer um curso universitário. 61,5% consideraram que apresentariam dificuldades, 36,5% não acreditam que existiriam dificuldades e 2% não responderam a questão.

A fim de se obter alguma medida referente à intensidade na dificuldade percebida com relação à possibilidade de cursar uma faculdade, apresentou-se aos estudantes a seguinte questão: “Quanto você pensa que é difícil fazer um curso universitário que você quer?”. Nessa questão, os jovens deveriam mensurar e marcar a dificuldade percebida, em uma escala que ancorava as duas extremidades,

na qual o número 1 significava nada difícil e o 7 extremamente difícil. A Tabela 3 apresenta a frequência e o percentual de respostas nessa questão.

Tabela 3. Dificuldade em fazer um curso universitário

Resposta	1	2	3	4	5	6	7	NR	Total
Frequência	4	11	32	49	41	28	17	18	200
%	2	5,5	16	24,5	20,5	14	8,5	9	100

Nota: NR - não respondeu

Considerando-se que, na escala, o número “4” seria um indicador de uma dificuldade média, verifica-se que os jovens percebem uma dificuldade de média a extremamente difícil associada ao projeto de realizar um curso universitário.

Foi solicitado aos jovens que indicaram que teriam dificuldades em cursar a universidade que apontassem, entre algumas opções oferecidas, quais seriam os obstáculos encontrados por eles, sendo possível assinalar mais de uma alternativa. A Tabela 4 indica a frequência e o percentual das respostas dos estudantes a essa questão.

Tabela 4. Dificuldades para fazer um curso universitário

	f	%
Passar no vestibular	76	38
Conciliar estudos com trabalho	52	26
Dificuldades financeiras	51	25,5
Escola não me preparou o suficiente para entrar na universidade	19	9,5
Não sei qual curso fazer	17	8,5
Não sei quais cursos existem	4	2
O curso que quero não é oferecido em minha cidade	4	2
Outra dificuldade	7	3,5

Nota: 198 participantes responderam e 2 deixaram em branco a questão

Àqueles que marcaram a opção “outra dificuldade”, solicitou-se que especificassem que dificuldade seria essa. As respostas descritas por estes alunos resultaram em quatro categorias: características pessoais específicas, dificuldades pessoais em aprender, dificuldades relacionadas à conciliação entre filhos e trabalho e dúvidas a respeito do que fazer em um curso superior.

#### Cursos técnicos

Procurou-se investigar as intenções dos estudantes no que diz respeito à realização de cursos técnicos. Foi encontrado que 43,5% pretendem obter uma qualificação neste nível de ensino, 38,5% não sabem se realizarão algum curso técnico, 14,5% apontam que não têm essa intenção e 3,5% dos jovens não responderam à questão.

Ao se questionar sobre qual curso técnico era pretendido, 88 jovens descreveram diferentes cursos, sendo que 22,8% indicaram que gostariam de realizar algum curso relacionado às áreas de ciências exatas ou tecnológicas (mecânica, desenho técnico, montagem de computadores, etc.), 21,7% descreveram que preferiam algum curso da área da saúde (técnico em enfermagem, radiologia, etc.) e 20,5% um curso da área de ciências sociais aplicadas (técnico em contabilidade, técnico administrativo, etc.). Além disso, foi encontrado que 17,1% não sabiam indicar o curso que pretendiam realizar, 13,7% das respostas apresentaram uma confusão entre ensino superior e de nível técnico e 4,2 % ofereceram respostas que não contemplavam o conteúdo da questão.

Também foi perguntado aos estudantes o quanto esses acreditavam que seria difícil fazer um curso técnico. Os participantes deveriam marcar em uma escala qual era o grau percebido por eles de dificuldade (a escala de resposta foi ancorada nas pontas, sendo que o número 1 representava nada difícil e o número 7 extremamente difícil). A Tabela 5 apresenta as freqüências e o percentual de respostas dos jovens. Percebe-se que os jovens, em sua maioria, consideram que realizar um curso técnico apresenta uma dificuldade de média para nada difícil (55 % das respostas válidas se encontram entre 1 e 4).

Tabela 5. Dificuldade em fazer um curso técnico

Resposta	1	2	3	4	5	6	7	NR	Total
Freqüência	17	22	37	35	15	12	6	56	200
%	8,5	11	18,5	17,5	7,5	6	3	28	100

Nota: NR - não respondeu

Ao serem questionados sobre os motivos que os levariam a escolher o curso técnico, os jovens descreveram diferentes razões (obteve-se 77 respostas nessa questão). A categoria *identificação com a profissão/ curso* contou com 40,3% das respostas. Nesta categoria foram encontradas respostas como “gosto de lidar com remédios e doentes”, “é o que eu gosto de fazer”, “por gostar do ramo imobiliário, que envolve o desenho”, etc.

A categoria denominada *adquirir uma qualificação* foi responsável por 24,7% das respostas. Nela foram agrupados temas relativos à aquisição de qualificação e aperfeiçoamento. Exemplos de respostas são: “eu escolhi para eu aprender mais”, “para aprimorar meus conhecimentos” e “para entender mais”.

Outras respostas puderam ser enquadradas nas categorias: *comodidade ou conveniência em participar do curso* (10,4%), *retorno financeiro* (9,1%), *influência de terceiros* (5,2%); *curso técnico relacionado ao serviço militar ou concurso público* (5,2%), *outras respostas* (3,8%) e *não sabem os motivos* (1,3%). Exemplos de respostas da categoria *comodidade/ conveniência* são “que hoje em dia o curso técnico tá muito valorizado”, “mais tranquilo”; da categoria *retorno financeiro* são “é rentável”, “ganha super bem”; da influência de terceiro são “porque minha tia é professora de administração”, “porque tenho parentes que trabalham nesse ramo”; da categoria *curso técnico relacionado ao serviço militar/concurso público* são “quero entrar para o serviço militar como enfermeira”, “para eu fazer um concurso público”. Exemplos de respostas encontradas na categoria *outros motivos* são “os mesmos da medicina” e “força, escolha”.

Ao serem questionados se acreditavam que encontrariam alguma dificuldade em fazer um curso técnico 35,5% afirmaram que teriam, 51% não esperavam encontrar dificuldades e 13,5% não responderam. Para os que indicaram que teriam

dificuldades em obter uma qualificação através de um curso técnico foi apresentada uma questão que procurou conhecer quais seriam tais obstáculos. Poderia ser marcada mais de uma opção dentre as que se encontram na Tabela 6.

Tabela 6. Dificuldades para obter uma qualificação técnica

	Frequência	%
Dificuldades financeiras	37	18,5
Conciliar estudos com trabalho	35	17,5
Não sei qual curso fazer	18	9
Escola não me preparou para entrar em um curso técnico	11	5,5
Não sei quais cursos existem para eu fazer	8	4
O curso que quero não é oferecido em minha cidade	2	1
Outra dificuldade	-	-

OBS.: 173 responderam e 27 deixaram em branco.

#### Planos para o futuro e projeto de vida

Aos participantes foi apresentada também a frase para completar “Meus planos para o futuro são...”. Foram fornecidas um total de 211 unidades de sentido a essa questão. A maioria das respostas (39,3%) referia-se à realização de um curso superior. Intenções relacionadas à inserção no mercado de trabalho também foram indicadas por 10,9% dos jovens. Alguns exemplos de respostas referentes a essa categoria são “arrumar um bom trabalho”, “ingressar em um trabalho e continuar com ele”, “ter um emprego bom”, etc. A categoria *realização e projetos pessoais* contempla 9,9% das unidades de sentido apontadas pelos jovens. Exemplos de

unidades de sentido que compuseram essa categoria foram concluir o ensino médio” e “ter uma boa formação”.

Os jovens também ofereceram respostas que indicavam sua intenção de *trabalhar na profissão escolhida* (9%), em unidades como “trabalhar em minha área” e “exercer bem minha profissão”; *constituir família* (8,5%), tendo como exemplos “ter uma família” e “constituir minha família”; *fazer concurso público ou ingressar na carreira militar* (5,7%), em indicações do tipo “passar na Especex” e “cursar na aeronáutica”. Também foi citada a *aquisição de bens materiais* (3,8%) em afirmações como “comprar meu carro” e “de ter uma casa, carro”; a realização de um *curso técnico* (3,3%), tendo-se como exemplos “fazer um curso técnico” e “curso técnico de agronomia”; a busca por *estabilidade ou independência* (2,8%), reunindo unidades como “me estabilizar” e “ser independente”. Foi criada a categoria *descrição genérica*, contabilizando 6,6% das unidades de sentido. Nessa categoria foram enquadradas definições como “muitos”, “grandes” e “os melhores”.

Foram identificadas 207 unidades de resposta quando os jovens foram questionados a respeito de seu projeto de vida. A categoria *planos familiares* (21,7%) conjugou respostas que se referiam à projetos relacionados à construção de uma família. Exemplos de respostas são : “ter uma família feliz”, “ter uma esposa”, “casar”, “ter filhos”, etc. A categoria *aquisição de bens materiais* contou 16,4% das respostas. Exemplos de unidades de sentido nesta categoria são: “ter uma casa”, “ter um carro” e “ter minha casa própria”. A seguir, planos referentes à *realização e crescimento profissional* agrupou foram descritos em 15,9% das respostas. Essa categoria agregou respostas que indicavam expectativas de progredir e conquistar objetivos profissionais. Exemplos de respostas são: “ser alguém profissional e respeitado”, “crescer” e “avançar sempre”.

Outros planos identificados nas respostas dos jovens foram: expectativas positivas face ao futuro (11,1%, exemplos: “ter um bom futuro”, “maravilhoso”, “ser feliz”), *busca por independência financeira* (9,2%, exemplos: “ter renda própria”, “sem ter que me preocupar com as finanças”); melhorar a *qualificação pessoal* (7,2%, exemplos: “ser boa no que eu fazer”, “sempre melhorar a cada dia”); *conseguir trabalhar na profissão almejada* (6,7%, exemplos: “ser perita criminalística”, “ser engenheiro mecânico”); *alcançar objetivos pessoais* (5,8%, exemplos: “ter as coisas que eu quero”, “conseguir todos os meus objetivos”). Foi ainda identificada uma categoria com unidades de sentido que combinaram *planos referentes ao estudo e trabalho* (3,4%, exemplos: “se formar e trabalhar”, “trabalhar e me formar numa universidade”). Por fim, 1,9% forneceram respostas que não contemplaram o conteúdo da questão (exemplo: “mais ou menos”, “não gostei destas perguntinhas”). Por fim, 0,5% afirmam não ter um projeto de vida definido.

## Discussão

Com relação ao que fazer ao término do ensino médio verificou-se que os jovens apresentam uma perspectiva de continuar seus estudos e de ingressar ou mesmo permanecer no mercado de trabalho. Com relação a este último aspecto, os índices podem ser explicados pela própria situação socioeconômica dos estudantes, que os impõe a necessidade de trabalhar. Bastos (2005) refere que muitos jovens do ensino médio público estudam e trabalham concomitantemente a fim de auxiliar nas despesas da casa. Sendo assim, os resultados podem relacionar-se a situações semelhantes à citada pela autora, à medida que muitos estudantes referiram estar trabalhando (28%). Além disso, pode-se considerar que 40% das respostas a respeito do que fazer após o ensino médio indicaram motivações relacionadas à

atividade econômica (18,5% - “trabalhar”; 12% - “ingressar no serviço militar”; 9,5% - “procurar emprego”).

Quanto às intenções em termos de continuidade de estudos, grande parte destas voltam-se para o ingresso em curso de graduação, seja uma tentativa de acesso imediato (23,5%) ou a realização de um curso preparatório (22%), o que totaliza 45,5% das indicações dos participantes. Existe uma considerável diferença entre este percentual e o percentual dos que indicaram anseios voltados para a realização de um curso técnico (apenas 11,5%). A vontade de fazer um curso superior também obteve destaque quando se perguntou aos estudantes a respeito de seus planos para o futuro. Nesta questão, 39,3% das respostas revelaram que os jovens almejam fazer um curso superior e 10,9% fazem referência à inserção no mercado de trabalho.

A preferência por cursos de graduação pode ser explicada por peculiaridades da cidade de Santa Maria. Esta é considerada como de característica universitária, pois ela abriga sete instituições de ensino superior. Possivelmente, o índice de 45,5% voltado para o ensino universitário se relacione a uma grande divulgação e disseminação de informações a respeito dos cursos de tais instituições. O mesmo não ocorreria com relação aos cursos técnicos, com percentual consideravelmente menor de marcações. Além desse fator, o elevado percentual de participantes que anseiam pelo ingresso em curso superior pode ser explicado pelo status ligado à realização de cursos de graduação ou mesmo pelo fato de que os alunos percebem a necessidade de uma maior qualificação para a sobrevivência no mercado de trabalho. É possível que os participantes acreditem ter mais chances de concretizar seus planos para o futuro se tiverem uma formação superior (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007). Sparta, Bardagi e Andrade (2005) comentam que projetos de

concluir um curso de nível superior são comuns a indivíduos de diferentes estratos sociais, muito associados a intenções em termos de ascensão social (Melo-Silva, Lassance, & Soares, 2004).

No que diz respeito aos motivos para a opção por determinado curso superior, percebe-se um elevado percentual de indicações referentes à escolha a partir de uma identificação pessoal com o mesmo. Tais respostas devem estar relacionadas à noção de identidade profissional. Para Teixeira (2007) este conceito se refere ao grau em que o aspecto profissional está incorporado à identidade individual. Acredita-se que os participantes buscaram indicar que gostariam de atuar em áreas nas quais pudessem obter satisfação pessoal, ou seja, almejam que a profissão escolhida vá ao encontro de seus interesses e características pessoais.

Já quanto à dificuldade em ingressar no curso superior escolhido, verifica-se que os fatores apontados podem estar associados ao nível socioeconômico dos participantes. Embora “passar no vestibular” seja uma tarefa geralmente difícil para jovens de diferentes classes sociais, tal dificuldade pode estar relacionada com a percepção de uma preparação fraca no ensino médio, que foi um fator também saliente nas respostas. Essa preparação fraca pode ser decorrente de uma qualidade de ensino insuficiente nas escolas públicas nas quais os participantes estudavam. Em relação às demais opções, estas também estão relacionadas à situação econômica. Assim, a dificuldade em conciliar estudos com o trabalho e as dificuldades financeiras podem dever-se à característica econômica de sua situação social. Estes resultados assemelham-se ao trazido por Bastos (2005), no sentido de que os determinantes socioeconômicos representam o principal obstáculo para a concretização das opções profissionais de jovens provenientes de estratos econômicos desfavorecidos.

Com relação às intenções referentes a cursos técnicos, verificou-se que a preferência por um determinado tipo de curso foi justificada principalmente em função de uma identificação pessoal com o mesmo, da mesma forma como ocorreu em relação aos cursos superiores. As respostas apontam intenções de que a área escolhida seja aquela em que se goste de atuar. Nesse sentido, Bardagi, Lassance e Paradiso (2003) comentam que o prazer no trabalho advém, principalmente, da identificação pessoal com a área escolhida.

Diferentemente do que ocorreu com relação à graduação, no que diz respeito a cursos técnicos, obtiveram destaque também indicações quanto ao fato de adquirir qualificação. Supõe-se que os participantes percebem os cursos técnicos como possibilidade de ingresso mais rápido no mercado de trabalho. Assim, os resultados sugerem que o termo “qualificação” estaria relacionado a algo que possibilitasse a conquista de um emprego.

Dentre as dificuldades apontadas para fazer um curso técnico, observa-se um equilíbrio em termos percentuais entre dificuldades financeiras (18,5%) e conciliar estudos com trabalho (17,5%). Da mesma forma como quando questionados a respeito das dificuldades em fazer um curso universitário, as indicações sugerem a interferência do fator socioeconômico. Uma diferença importante diz respeito a um maior percentual de dúvida quanto a quais cursos técnicos existem. Isso pode ser explicado na medida em que há uma menor divulgação quanto a esse tipo de formação, se comparado aos cursos de graduação.

Com relação à dificuldade em fazer um curso técnico, pôde-se perceber um grau percebido de dificuldade de médio para baixo. Já a dificuldade percebida para cursar um curso superior foi avaliada como de média para alta. É provável que a menor dificuldade percebida em fazer curso técnico em comparação a opções de

graduação seja devida à grande concorrência para o ingresso no ensino superior, especialmente quando se pensa que os participantes optariam, possivelmente, por buscar uma vaga na universidade pública.

Por fim, os jovens, quando questionados a respeito do seu projeto de vida, indicaram, em sua maioria, a realização em aspectos familiares. Estes aparecem em maior percentual se comparados à conquista de bens materiais e mesmo à realização profissional. Dias e Soares (2007) também encontraram em seus estudos que a realização em termos familiares estava entre os objetivos que constituía o projeto de vida de jovens moradores da Ilha do Mel. Já em relação à aquisição de bens materiais, pode-se pensar que o resultado esteja ligado a anseios em obter independência financeira, conforme sugeriu-se em questões anteriores, a qual proporcionaria a possibilidade de adquirir bens de consumo.

## Conclusões

Os jovens, ao final do ensino médio, são desafiados a definir um projeto de futuro. Este inclui profissão, formação e emprego. O presente estudo procurou investigar as intenções de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica quanto à sua inserção no mercado de trabalho, bem como inferir como as pretensões profissionais destes estudantes se vinculam com seus projetos de vida futuros. Idéias relacionadas à continuidade dos estudos e ao ingresso ou permanência no mercado de trabalho destacaram-se.

No que diz respeito às intenções acadêmicas, enquanto 81% dos participantes referem intenções no sentido de prestar vestibular, 43,5% apontam que pretendem fazer um curso técnico. Essa considerável diferença pode ser atribuída a diversos fatores como a maior divulgação dos cursos superiores, uma característica

do município de Santa Maria, conhecido como cidade universitária, e ao status ligado às profissões de nível superior. Outra hipótese é que estes resultados estejam associados ao próprio anseio dos participantes em alcançar ascensão social. Sabe-se que os pais destes jovens possuem pouca escolaridade. Os estudantes, ao concluírem um curso superior, estariam, de certa maneira, rompendo barreiras culturais e sociais de suas famílias de origem.

Quanto à dificuldade percebida para executar planos profissionais, no que diz respeito à possibilidade de fazer um curso universitário, os participantes consideraram-nas como de média para alta. Já com relação às intenções em termos de cursos técnicos, esta pode ser definida como de média para baixa. Tal resultado sugere que os participantes têm noção da dificuldade de ingressar em um curso superior devido à alta concorrência dos concursos vestibulares, especialmente quando a idéia é ingressar em uma instituição pública. Outra hipótese relaciona-se à percepção da própria realidade socioeconômica, a qual limita a preparação para o ingresso na universidade, principalmente cursar um pré-vestibular de qualidade. Os dados também indicam que os jovens antecipam dificuldades para conciliar estudos com trabalho, o que revela uma intenção de trabalharem paralelamente aos estudos. Porém, sabe-se que é difícil fazer essa conciliação, na medida em que a maioria dos cursos de graduação são oferecidos no período diurno.

De fato, as dificuldades apontadas com relação a fazer um curso universitário estão muito vinculadas a fatores socioeconômicos. Os estudantes percebem que estes determinam a necessidade de trabalhar, que existe uma formação básica deficiente, dificuldade em adquirir materiais didáticos de qualidade ou mesmo fazer cursos extracurriculares. Embora as intenções dos participantes da pesquisa tenham se mostrado idealizadas ou socialmente desejáveis (no sentido de almejamem uma

formação superior), a percepção de dificuldades para a realização dessas intenções sugere possíveis processos de compromisso operando nas decisões de carreira. Por compromisso entende-se o abandono de alternativas preferidas para optar por outras que pareçam mais acessíveis, exatamente devido à dificuldade de implementar as opções mais desejáveis (Gottfredson, 1981). A pessoa avalia a sua situação e isso interfere no sentido de considerar viável ou não a possibilidade almejada. Assim, as condições sociais são parte fundamental para a definição o projeto de vida e de trabalho dos indivíduos.

Quando questionados sobre seus planos para o futuro, em uma questão onde poderiam escrever livremente, as principais intenções apontadas referiam fazer um curso superior ou ingressar no mercado de trabalho. Já quando perguntados sobre seu projeto de vida, a categoria com maior percentual incluiu aspectos familiares, ficando a realização profissional na terceira posição. A partir disso, pode-se pensar que os jovens relacionaram a expressão “projeto de vida” com intenções pessoais, desvinculando-a, de certa forma, da noção laboral. Os “planos para o futuro” podem ter obtido maior vinculação com aspectos de trabalho por terem sido entendidos como “planos profissionais”. Uma outra interpretação possível, porém, é que, para estes jovens de classes desfavorecidas, os planos profissionais não sejam tão centrais em termos de projeto de vida. Por vislumbrarem chances menores de virem a realizar seus anseios de formação profissional mais qualificada e de inserção profissional, é possível que eles vejam o trabalho mais como uma fonte de recursos para a sobrevivência do que uma forma de expressão do autoconceito ou um elemento central para a constituição da identidade. Assim, os projetos de vida ressaltam a assunção de outros papéis, como os papéis de pai ou mãe, ou ainda de cônjuge, e não necessariamente o papel de trabalhador. Esta é uma hipótese que

não foi especificamente investigada nesta pesquisa, mas que merece ser investigada em estudos futuros.

#### Referências bibliográficas

Almeida, L., S., Guisante, M., A., Soares, A., P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no ensino superior em Portugal: questões de gênero, origem sócio-cultural e percurso acadêmico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 507-514.

Almeida, M., E., G., G., & Pinho, L., V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.

Balbachevsky, E. (2007). Carreira e contexto institucional no sistema de ensino superior brasileiro. *Revista Sociologias*, 9(17), 158-188.

Bardagi, M., P., Lassance, M., C., P., & Paradiso, A., C. (2003). Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 153-166.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barreto, M., & Aiello-Vaisberg, T. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Revista Psicologia Social*, Porto Alegre, 19(1), 107-114.

Bartalotti, O., & Menezes-Filho, N. (2007). A relação entre o desempenho da carreira no mercado de trabalho e a escolha profissional dos jovens. *Revista Economia Aplicada*, 11(4), 487-505.

Bastos, J., C. (2005). Efetivação de Escolhas Profissionais de Jovens Oriundos do Ensino Médio Público: um olhar sobre suas trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 31-43.

Burnier, S. (2006). Os significados do trabalho segundo técnicos do nível médio. *Educação & Sociedade*, 27(94), 131-157.

Conselho Federal de Psicologia. *Resolução CFP Nº 016/2000 sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos (20/12/2000)*. Retirado em 06/01/2011, no World Wide Web: <<http://www.crp07.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>>.

Dias, M., S., L., & Soares, D., H., P. (2007). Jovem, mostre a sua cara: um estudo das possibilidades e limites da escolha profissional. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(2), 316-331.

Gonçalves, H., S., Borsoi, T., S., Santiago, M., A., Lino, M., V., Lima, I., N., & Frederico, R., G. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Revista de Psicologia Social*, 20(2), 217-225.

Gottfredson, L., S. (1981). Circumscription and compromise: A developmental theory of occupational aspirations. *Journal of Counseling Psychology Monograph*. 28, 545-579.

Langer, A. (2009). *Mutações no mundo do trabalho. A concepção de trabalho de jovens pobres*. Tese de doutoramento não publicada, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Lemos, A., H., C., Dubeux, V., J., C., Pinto, M., C., S. (2009). Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, 7(2), 368-384.

Melo-Silva, L., L., Lassance, M., C., P., & Soares, D., H., P (2004). A Orientação Profissional no Contexto da Educação e Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 31-52.

Minayo, M., C., S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Saúde - Conselho Nacional de Saúde (1997). Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. *Resolução CNS 196/96*. Brasília: Ministério da Saúde.

Moura, C., B., & Menezes, M., V. (2004). Mudando de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 29-45.

Nepomuceno, R., F., & Witter, G., P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22.

Noronha, A., P., P., & Ottati, F. (2010) Interesses profissionais de jovens e escolaridade dos pais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11 (1), 37-47.

Oliveira, M., C., Guimarães, V., F., & Coleta, M., F., D. (2006). Modelo Desenvolvimentista de Avaliação e Orientação de Carreira Proposto por Donald Super. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 11-18.

Santos, L., M., M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.

Savickas, M., L. (2002). Career construction: a developmental theory of vocational behavior. In D. Brown, L. Brooks & Associates (orgs.), *Career Choice and Development* (pp. 149-205). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Silva, C., S., C., Ourique, L., R., Oliveira, M., Z., Reis, M., G., P., & Lassance, M., C. (2008). Resignificação da experiência de Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(1), 75-86.

Soares, A., B., & Martins, J., S., R. (2010). Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. *Revista Paideia*, 20(45), 57-62.

Sparta, M., Bardagi, M., P., & Andrade, A., M., J. (2005). Exploração vocacional e

informação profissional percebida em estudantes carentes. *Revista Aletheia*, (22), 79-88.

Super, D., E., Savickas, M., L., & Super, C., M. (1996) The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks & Associates (orgs.) *Career choice and development* (pp. 121-177). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Teixeira, M., A., P. (2002). A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem. Tese de doutoramento não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Teixeira, M. A. P. (2007) *Elaboração de instrumentos para avaliar desenvolvimento de carreira em universitários*. Projeto de pesquisa (manuscrito não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou conhecer as expectativas de jovens pertencentes a classes socioeconômicas desfavorecidas no que diz respeito ao mundo profissional. Para isso, foi realizada uma pesquisa com alunos do ensino médio de duas escolas públicas da cidade de Santa Maria. Buscou-se compreender como estes entendem o trabalho e quais as concepções e valores que atribuem ao mesmo. Investigou-se a percepção dos estudantes sobre suas possibilidades de inserção do mercado de trabalho e procurou-se conhecer como eles relacionam seu projeto de vida com as intenções profissionais.

Pela análise das respostas apresentadas nos dois estudos foi possível constatar que o trabalho é visto como condicionante do futuro. Ele é considerado um meio para obtenção de independência financeira e da possibilidade de ter autonomia com relação aos pais. O ato de trabalhar é visto como algo bom e favorável, necessário para que se tenha reconhecimento social e para atingir objetivos pessoais.

Os estudantes anseiam por uma profissão com a qual se identifiquem. Destacam-se intenções no sentido de que se almeja ingressar em atividades nas quais se goste de atuar. Nesse sentido, os motivos para a escolha de um curso superior ou técnico, em sua maioria, estão relacionados à identificação pessoal com a profissão.

Os planos imediatos para após a conclusão do ensino médio referem-se a estudar e trabalhar. As intenções acadêmicas voltam-se predominantemente para o ensino superior. A qualificação técnica também é citada nas respostas, porém numa proporção menor. Tais resultados devem estar relacionados à característica

universitária da cidade, ao status associado às profissões de nível superior, bem como a uma maior divulgação dessas ocupações.

Os estudantes prevêem dificuldades para realizar estes planos, principalmente os referentes aos cursos de graduação, sendo a principal relacionada às limitações financeiras e passar no vestibular. Quanto aos cursos técnicos, a limitação econômica também foi apontada, juntamente com a impossibilidade de conciliar estudos e trabalho.

Ainda com relação à situação social dos participantes do estudo, acredita-se que ela tenha influenciado no sentido de que o trabalho é concebido como forma para mudar de vida, de possibilitar uma independência com relação aos pais e uma autonomia financeira. Entende-se que a busca por uma situação desvinculada dos pais pode ocorrer em diversos estratos sociais, porém os índices obtidos na pesquisa sugerem que este anseio esteja relacionado à situação socioeconômica.

A análise das respostas revela algumas particularidades. A primeira trata de frases ou expressões muito repetidas no cotidiano ou senso comum, que podem ser consideradas como clichês. No primeiro estudo, o qual buscou compreender as concepções de trabalho para os jovens, para a pergunta “trabalhar é” obteve-se um elevado percentual de indicações como “bom”, “ótimo”, “ser alguém na vida”, “importante” ou mesmo “pegar no batente”. Para a questão “ter uma profissão é”, muitas respostas foram “bom”, “ótimo” ou “um sonho realizado”. São afirmações que podem ser entendidas como estereotipadas ou vagas.

Supõe-se que respostas com estas características podem se dever à própria idade dos participantes (média  $x = 16,88$ ) e ao fato de que poucos já tiveram experiências profissionais (28%). Nesse sentido, acredita-se que ocorreu certa dificuldade em pensar no assunto proposto pela pesquisa. Possivelmente, muitos

respondentes haviam se questionado muito superficialmente a respeito de assuntos profissionais até o momento da coleta de dados.

A obtenção de respostas clichê ou vagas do segundo estudo pode ser exemplificada em questões como “meus planos para o futuro são” e “meu projeto de vida é”. Constatou-se indicações como “ser feliz”, “ser alguém na vida” ou “realizar meus sonhos”. Além de estereotipadas, este tipo de colocação, presente em ambos os estudos, pode indicar uma concepção a respeito do mundo do trabalho dotada predominantemente de atributos favoráveis. Possíveis explicações para isso podem estar relacionadas a uma visão pouco realista do mercado de trabalho e suas dificuldades, devido à pouca experiência profissional dos alunos. Outra hipótese se vincularia a uma opção em fornecer respostas que tenham mais aceitação pela sociedade, a fim de demonstrar certo comprometimento com questões de trabalho.

Ainda no que diz respeito às respostas, constatou-se um elevado número de erros na escrita. Os principais foram de ortografia (“ter responçabilidade”, “enteresado para ela”, “vai me influensiar no que quero”, “indispensavel hoje em dia”) e de acentuação gráfica (“que me de segurança financeira”, “ser alguem na vida”, “saber que você é util em alguma coisa”). Isso sugere uma deficiência no ensino que os alunos vêm recebendo, o que também foi indicado pelos próprios participantes em uma questão do segundo estudo. Esta solicitava a respeito das dificuldades em ingressar em um curso universitário e a opção “a escola não me preparou suficientemente para entrar na universidade” foi marcada por 9,5% dos alunos.

Outra particularidade que se observou durante a aplicação da pesquisa, refere-se ao fato de que o número de alunos presentes nas turmas de terceiros anos era consideravelmente menor do que no segundo e primeiro. De maneira geral, constatou-se que as turmas dos terceiros anos continham, em média, um terço do

número de estudantes dos primeiros anos. Oliveira, Pinto e Souza (2003), analisando dados do censo escolar do IBGE, referem que o adolescente típico brasileiro deixa a escola sem concluir o ensino médio, ficando impedido de ingressar na universidade e pouco qualificado para ingressar no mercado de trabalho.

Por fim, é interessante fazer uma comparação entre as experiências anteriores da autora vinculadas ao tema da presente dissertação. Algumas semelhanças são percebidas com relação à participação em projetos de orientação profissional em escolas públicas de ensino médio. Em tais atividades também estava presente a noção de que o trabalho poderia promover uma mudança de status social e possibilitaria um auxílio para a família. Além disso, nos encontros constatava-se confusão entre conceitos relacionados ao trabalho, especialmente “trabalho”, “emprego” e “profissão”. Fazia-se presente, ainda, a preocupação em escolher uma atividade laboral com a qual o indivíduo se identificasse e gostasse de atuar.

Já, comparando com a experiência da pesquisa de monografia, abordando o planejamento de carreira com universitários, observou-se que, mesmo estando em um curso superior, grande parte dos acadêmicos não tinha o hábito de planejar a própria carreira. Assim, uma deficiência que se percebeu no ensino médio continua na universidade. Em ambas as instituições públicas faltam programas permanentes de orientação profissional e planejamento de carreira, o que poderia trazer benefícios aos estudantes.

## APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA PESQUISA SOBRE FUTURO E TRABALHO

Este questionário faz parte de uma pesquisa de opiniões a respeito do que os jovens pensam a respeito de seu futuro e da profissão que pretendem seguir. Estamos pedindo a sua colaboração voluntária no sentido de responder a este questionário. Você vai observar que não pedimos o seu nome, pois queremos ter certeza de que você estará bem à vontade para responder essas perguntas. Não existem respostas certas ou erradas, você deve dar suas respostas da maneira mais sincera possível, de acordo com as suas opiniões.

1. Série: \_\_\_\_\_ 2. Turno: \_\_\_\_\_  
 3. Idade: \_\_\_\_\_ 4. Sexo: ( ) M ( ) F  
 5. Você já foi reprovado ? ( ) sim ( ) não 5.1 Se sim, quantas vezes? \_\_\_\_\_  
 6. Escolaridade da Mãe: \_\_\_\_\_ 7. Escolaridade do Pai: \_\_\_\_\_  
 8. Profissão da Mãe: \_\_\_\_\_ 9. Profissão do pai: \_\_\_\_\_  
 10. Marque na tabela quais os itens que você possui na sua casa e quantos:

		Sim	Não	Quantos?
a- Banheiro				
b- Quartos				
c- Aparelho de vídeo cassete ou dvd				
d- TV a cores				
e- Rádio/aparelho de som				
f- Máquina de lavar roupa				
g- Geladeira				
h- Computador				
i- Aspirador de pó				
j- Empregada (doméstica)				

11. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?

Não

Sim. Justifique: \_\_\_\_\_

12. Marque com um X **TODAS** as opções a seguir que estão relacionadas com a sua situação de trabalho remunerado.

a	<input type="checkbox"/> Nunca trabalhei
b	<input type="checkbox"/> Já trabalhei mas não trabalho atualmente
c	<input type="checkbox"/> Estou trabalhando
d	<input type="checkbox"/> Estou procurando trabalho
e	<input type="checkbox"/> Não estou procurando trabalho
f	<input type="checkbox"/> Trabalho em comércio (em loja, mercados, etc.)
g	<input type="checkbox"/> Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros )
h	<input type="checkbox"/> Trabalho em casa (cuidado de crianças, limpando, passando, etc)
i	<input type="checkbox"/> Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca
j	<input type="checkbox"/> Trabalho na área administrativa ( <i>office-boy</i> , secretária, informática, etc.)
k	<input type="checkbox"/> Trabalho em indústria/fábrica
l	<input type="checkbox"/> Trabalho em outros lugares (escreva): _____
m	<input type="checkbox"/> Trabalho com carteira assinada
n	<input type="checkbox"/> Não trabalho com carteira assinada

13. Se você trabalha atualmente:

- a. Qual a sua renda mensal média proveniente de seu trabalho atualmente? \_\_\_\_\_  
 b. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho? \_\_\_\_\_ horas

14. Complete as frases sobre trabalho

- a- Trabalhar é \_\_\_\_\_  
 b- Ter uma profissão é \_\_\_\_\_  
 c- Eu quero um trabalho \_\_\_\_\_  
 d- Trabalhando, eu \_\_\_\_\_  
 e- Sem trabalho, eu \_\_\_\_\_  
 f - Se eu trocasse de trabalho, eu \_\_\_\_\_  
 g – Meus planos para o futuro são \_\_\_\_\_  
 h – Meu projeto de vida é \_\_\_\_\_

15. Além do Ensino Médio, você faz algum tipo de curso? ( ) sim ( ) não

15.1 Qual? \_\_\_\_\_

16. O que você pretende fazer depois que concluir o Ensino Médio?  
 (pode marcar mais de uma / indique **com números de 1, 2, 3, 4 ...** a ordem em que pretende realizar esse plano)

( ) ainda não sei ( ) fazer um curso pré-vestibular ( ) procurar um emprego ( ) ingressar no serviço militar ( ) trabalhar ( ) começar uma faculdade ( ) fazer um curso técnico ( ) outra coisa. O que?

17. a. O que é ter uma profissão ?

---



---

17.b. O que você julga necessário fazer para ter uma profissão?

---



---

18. a. O que é ter um emprego?

---



---

18.b. O que você julga necessário fazer para ter um emprego?

---



---

19.a. Você pensa no futuro fazer vestibular? ( ) sim ( ) não ( ) não sei

19.b. Para qual curso? \_\_\_\_\_

19.c. Quais foram os motivos que te levaram a escolher esse curso?

---



---

19.d Você acredita ter sofrido a influência de alguém, tanto direta quanto indiretamente, para escolher esse curso (caso você já tenha escolhido)? ( ) sim ( ) não

19. e. De quem? \_\_\_\_\_

19 f. O que te disseram que te influenciou ?

---

---

20. Você pretende fazer algum curso técnico?

sim  não  não sei Qual curso? \_\_\_\_\_

20.1 Quais foram os motivos que te levaram a escolher esse curso técnico?

---

---

20.2 Você acredita ter sofrido a influência de alguém, tanto direta quanto indiretamente, para escolher esse curso (caso você já tenha escolhido)?

sim  não

De quem?

---

20.3 Que influencia(s) foram essas ?

---

21. Você acha que terá alguma dificuldade para fazer um curso universitário?

sim  não

21.1 Se você respondeu “**sim**” na questão anterior, assinale **qual ou quais** as dificuldades que você acredita que terá para fazer um curso universitário:

a – dificuldades financeiras

b – conciliar estudos com trabalho

c – dificuldade de passar no vestibular

d – o curso que quero não é oferecido em minha cidade

e – não sei qual curso quero fazer

f – não sei que cursos existem para eu fazer

g- acho que a escola na qual estudei não me preparou o suficiente para entrar na universidade

h – outra dificuldade (escreva): \_\_\_\_\_

22. Quanto você pensa que é difícil fazer um curso universitário que você quer:

1      2      3      4      5      6      7

Nada  
Difícil

Extremamente Difícil

23. Você acha que terá alguma dificuldade para fazer um curso técnico ?

sim  não

23.1 Se você respondeu “**sim**” na questão anterior, assinale **qual ou quais** as dificuldades que você

acredita que terá para fazer um curso técnico:

a – dificuldades financeiras

b – conciliar estudos com trabalho

c – o curso que quero não é oferecido em minha cidade

d – não sei qual curso quero fazer

e – não sei que cursos existem para eu fazer

f – outra dificuldade (escreva): \_\_\_\_\_

g- acho que a escola na qual estudei não me preparou o suficiente para entrar em um curso técnico.

24. Quanto você pensa que é difícil fazer um curso técnico que você quer:

1      2      3      4      5      6      7

Nada  
Difícil

Extremamente Difícil

25. Onde você busca informação sobre: (você pode marcar mais de uma opção).

AS PROFISSÕES	OS CURSOS	EMPREGO
<input type="checkbox"/> não busco informação	<input type="checkbox"/> não busco informação	<input type="checkbox"/> não busco informação
<input type="checkbox"/> com amigos	<input type="checkbox"/> com amigos	<input type="checkbox"/> com amigos
<input type="checkbox"/> com colegas	<input type="checkbox"/> com colegas	<input type="checkbox"/> com colegas
<input type="checkbox"/> com meus pais	<input type="checkbox"/> com meus pais	<input type="checkbox"/> com meus pais
<input type="checkbox"/> com professores	<input type="checkbox"/> com professores	<input type="checkbox"/> com professores
<input type="checkbox"/> na TV	<input type="checkbox"/> na TV	<input type="checkbox"/> na TV
<input type="checkbox"/> em jornais	<input type="checkbox"/> em jornais	<input type="checkbox"/> em jornais
<input type="checkbox"/> na internet	<input type="checkbox"/> na internet	<input type="checkbox"/> na internet

26. Você pensa em seu futuro profissional? ( ) sim ( ) não  
 26.1 Se sim, o que você pensa sobre seu futuro profissional?

---

27. O que você acha da situação atual do mercado de trabalho?

---

28 .a. Você conversa com seus pais sobre o trabalho deles ? ( ) sim ( ) não

28 .b O que você conversa com os seus pais sobre o trabalho deles:

28.b.1 O que conversa com a mãe

---

28.b.2 O que conversa com o pai

---

29. Marque o quanto você acha que seus pais estão satisfeitos com os trabalhos deles.

29.a. sua mãe

1	2	3	4	5	6	7
Nada						
Satisfeita					Extremamente	Satisfeita

29.b seu pai

1	2	3	4	5	6	7
Nada						
Satisfeito					Extremamente	Satisfeito

30. O que você faria de diferente **de seu pai** em relação ao trabalho que ele tem:

---

31. O que você faria de diferente **de sua mãe** em relação ao trabalho que ela tem:

---

32. Quanto você acha que a opinião que **seu pai** tem sobre trabalho influencia no que você pensa sobre trabalho?

1	2	3	4	5	6	7
Não influencia nada						Influencia totalmente minha opinião
opinião minha						

33. Quanto você acha que a opinião que **sua mãe** tem sobre trabalho influencia no que você pensa sobre trabalho?

1      2      3      4      5      6      7

Não influencia nada  
opinião minha

Influencia totalmente minha opinião

34. Quando você pensa em seu futuro profissional, você é ?

1      2      3      4      5      6      7

Muito pessimista

Muito otimista

35. Que relação você percebe entre seu futuro profissional e as coisas que você quer para você na vida?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE B

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou Gênesis Sobrosa mestranda, do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estamos realizando uma pesquisa intitulada “*O que jovens pensam sobre o trabalho e o futuro profissional*”. Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa. Antes de aceitar, é importante que você saiba do que trata o estudo. Portanto, leia atentamente as explicações que seguem. O objetivo desta pesquisa é identificar as preocupações e dúvidas dos jovens quanto à carreira profissional. A sua participação é anônima e implica em responder a um instrumento que contém questões relacionadas ao futuro profissional, mas você poderá se recusar a responder qualquer pergunta que lhe causar algum constrangimento e a omitir dados que possam comprometer-lo(a). Da mesma forma, gostaríamos de enfatizar que mesmo se tratando de uma aplicação coletiva, previamente autorizada pela diretoria da escola, nenhum estudante deve se sentir na obrigação de responder somente porque seus colegas concordam em participar, a cada um cabe sua própria decisão, de forma individual e sem constrangimento. As informações obtidas serão analisadas de acordo com o objetivo proposto nesse estudo e mantidas em total sigilo. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados, a identificação pessoal será totalmente preservada. Durante a aplicação dos instrumentos, prevista para ocorrer em 30 minutos, não estão previstos danos físicos ou psicológicos aos participantes, uma vez que não serão adotados procedimentos invasivos. Contudo, pode surgir algum desconforto com alguma questão, se esse for o caso, você pode optar por não responder ou encerrar a participação na hora em que desejar. Da mesma forma, não estão previstos benefícios diretos aos que decidirem participar. Contudo, quem estiver participando do estudo estará auxiliando a compreender o que pensam os jovens sobre futuro e trabalho, o que poderá auxiliar na elaboração de futuros programas de orientação profissional. A sua participação no estudo será voluntária e você poderá fazer perguntas a qualquer momento. Tal participação não terá nenhum custo para você, mas também não lhe trará nenhum privilégio ou remuneração. Você poderá esclarecer suas dúvidas entrando em contato com a Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Cristina Garcia Dias no Curso de Psicologia da UFSM, na rua Floriano Peixoto, nº 1750, 3º andar, sala 308 ou pelo telefone (55) 3220-9231, ou com a mestranda Gênesis Sobrosa, pelo telefone (55) 8403-2101.

Pedimos que compreenda que, como se trata de pesquisa com grande número de participantes, caso seja de interesse dos mesmos, poderemos oferecer apenas devolução coletiva dos resultados desta avaliação, quando finda a pesquisa.

---

Prof. Dra. Ana Cristina Garcia Dias  
Psicóloga CRP 07/0289

---

Gênesis Marimar Rodrigues Sobrosa  
Psicóloga CRP 07/18464

### **Declaração de Consentimento**

Concordo em participar desta pesquisa e informo que estou ciente dos objetivos deste estudo, assim como da confidencialidade acerca da minha identidade. Estou ciente que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa. Entendo também que serei livre para retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do trabalho sem que isso acarrete prejuízo de qualquer ordem. Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização dos questionários por mim preenchidos.

Data \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do responsável

Este termo possui 2 vias – uma ficará com o participante do estudo, o outro com o pesquisador responsável. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UFSM. Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 2º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 - email: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br)

## APÊNDICE C

## CARTA DE APROVAÇÃO



Comitê de Ética em Pesquisa - UFSM - Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria - 7º andar - Campus Universitário  
97105-900 – Santa Maria – RS - - Tel: 0 xx 55 3220 362 – email: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

**MINISTÉRIO DA SAÚDE**  
**Conselho Nacional de Saúde**  
**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa**  
**(CONEP)**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**  
**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM**  
**REGISTRO CONEP: 243**

## CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:  
**Título:** Planos para o futuro: o que os jovens pensam sobre o trabalho e o futuro profissional.

**Número do processo:** 23081.013740/2010-39

**CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética):** 0249.0.243.000-10

**Pesquisador Responsável:** Ana Cristina Garcia Dias

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê.

O pesquisador deve apresentar ao CEP:

**Março/2011 Relatório parcial**

**Março/2012 Relatório final**

Os membros do CEP-UFSM não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

**DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO:** 01/10/2010

Santa Maria, 04 de Outubro de 2010.

Félix A. Antunes Soares

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa-UFSM

Registro CONEP N. 243.